



**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

LARISSA CARDOSO CAMPOS

“MAS OS QUE ESTÃO INOCENTES NÃO FOGEM”: análise da
personagem Susana, do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis
(Maranhão – 1859)

BRASÍLIA - DF
2021

LARISSA CARDOSO CAMPOS

“MAS OS QUE ESTÃO INOCENTES NÃO FOGEM”: análise da personagem Susana,
do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis (Maranhão – 1859)

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de História do
Instituto de Ciências Humanas da
Universidade de Brasília como requisito
parcial para a obtenção do grau de bacharel em
História.

Professor-Orientador: Dr. Marcelo
Balaban

BRASÍLIA - DF
2021

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**

“MAS OS QUE ESTÃO INOCENTES NÃO FOGEM”: análise da personagem Susana,
do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis (Maranhão – 1859)

Larissa Cardoso Campos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em História

Aprovado por

Prof. Dr. Marcelo Balaban
(Orientador)

Prof. Dr. Ana Flávia Magalhães Pinto
(Examinadora)

Amanda Bortoluzzi
Examinador

Brasília-DF, 2021

CC198m

Cardoso Campos, Larissa

"MAS OS QUE ESTÃO INOCENTES NÃO FOGEM": análise da personagem Susana, do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis (Maranhão - 1859) / Larissa Cardoso Campos; orientador Marcelo Balaban. -- Brasília, 2021.

53 p.

Monografia (Graduação - História) -- Universidade de Brasília, 2021.

1. Literatura afro-brasileira. 2. Escravidão. 3. Maria Firmina dos Reis. 4. Romantismo. 5. *Úrsula*. I. Balaban, Marcelo, orient. II. Título.

Dedico este trabalho a todas as mulheres negras que cederam seus ombros a mim para que eu pudesse ir mais longe. E a Maria Firmina dos Reis: que seu legado abra espaço para histórias das mulheres. Mulheres pretas, mulheres africanas, mulheres brasileiras e mulheres como Susana.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por sua infinita bondade e presença constante na minha existência; e a Nossa Senhora, por sempre passar à frente em todos os momentos da minha vida.

Meus agradecimentos à minha mãe Maria Batista, meu pai Rudmar Rodrigues e meu irmão Rudmar Júnior: vocês são e sempre serão o meu alicerce em todas as jornadas que eu escolher para minha vida. Minha eira e minha beira. Meu ponto de partida e de chegada. Agradeço imensamente a paciência, o suporte, a ajuda e todo o amor que me foi dado durante cada passo do meu caminho. Agradeço também à minha madrinha de coração, Cleides Batista, por ser exemplo de educadora e historiadora. Agradeço a minha tia, Kátia Régia, pela ajuda incansável no meu projeto. E ao meu amor, Yago Yan, que acredita em cada parte da minha história, inclusive quando não é tão bonita ou agradável.

Aos meus amigos, companheiros de batalha e de vida, que me escutam, apoiam, validam e me amam imensamente. Vocês são luzes na minha vida que me ajudam e me guiam quando eu mais preciso. Obrigada por cada detalhe! Vocês sabem quem são e o porquê de todo meu amor por vocês. Eu não seria quem sou se não fosse cada um e cada particularidade.

Agradeço ao meu orientador, Marcelo Balaban, pelo auxílio e dedicação à minha pesquisa, e pela paciência com minhas constantes alterações de humor.

Agradeço ao meu País pela oportunidade de participar da educação pública, privilégio grandioso que é fundamental para minha formação como brasileira, historiadora e cidadã.

Por último e tão importante quanto, agradeço a mim mesma. Agradeço por não ter desistido, por ter tido forças, pelo crescimento e pela confiança. Agradeço pela minha cor e todas as condições que eu carrego por causa dela, e mais ainda por ter chegado até aqui, pois só eu sei o caminho que trilhei. Foi uma jornada dura, bonita, mas apenas minha.

RESUMO

Este trabalho propõe uma discussão sobre protagonismo feminino negro a partir do estudo da personagem Susana presente na obra *Úrsula*, escrita pela autora maranhense Maria Firmina dos Reis e publicada em 1859. A obra é considerada o primeiro romance afro-brasileiro a explorar a visão do escravizado como personagem de identidade própria. Isso, sem comentar o pioneirismo da autora em si, como uma escritora negra filha de mulher liberta. O romance trata, em sua superfície, da aventura de amor trágica entre os personagens brancos Tancredo e Úrsula. Em meio aos traços de romance tradicional, um herói idealizado e uma heroína perfeita, a autora costura os personagens negros que, de forma inovadora, possuem voz e personalidades próprias. Dentro de um cenário de quebras proposto na obra existe uma simbologia construída a partir das ações da preta Susana que se estrutura por meio da ancestralidade, nacionalidade e dignificação da personagem. Assim, é por intermédio da personagem Susana que a autora faz alusão àquilo que de fato significa ser mulher negra em uma terra de escravidão. A preta velha é a voz de denúncia e a conexão entre um Brasil escravista e uma África sequestrada; além disso, Susana carrega um protagonismo na obra que traz à tona as próprias ironias da presença branca no romance.

Palavras-chave: Maria Firmina; Úrsula, Susana; escravidão; protagonismo negro, romances.

ABSTRACT

This work proposes a discussion on black female protagonism based on the study of the character Susana present in the work *Úrsula*, written by the author Maria Firmina dos Reis and published in 1859. The work is considered the first Afro-Brazilian novel to explore the view of the enslaved as characters with their own identity. This, without commenting on the author's pioneering spirit, as a black writer, the daughter of a liberated woman. The novel deals, on its surface, with the tragic love adventure between the white characters Tancredo and Úrsula. Amid the traces of traditional romance, an idealized hero and a perfect heroine, the author sews black characters who, in an innovative way, have their own voices and personalities. In the midst of the scenario of breaks that the author proposes in her work, there is a symbology that is built from the actions of the black woman Susana that is structured through the character's ancestry, nationality and dignity. That is, it is through Susana's character that the author alludes to what it really means to be a black woman in a land of slavery. The old black woman is the voice of denunciation and the connection between a slave Brazil and a kidnapped Africa; in addition, Susana carries a leading role in the work that brings out the very ironies of the white presence in the novel.

Keywords: Maria Firmina dos Reis, *Úrsula*, slavery, black protagonism, romance.

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I – PORQUE ESCRITO POR MULHER, E MULHER BRASILEIRA	11
1.1 Maria Firmina dos Reis na historiografia e sua obra <i>Úrsula</i>	11
1.2 <i>Úrsula</i> de Maria Firmina dos Reis	17
1.3 A escrita de Maria Firmina dos Reis	19
CAPÍTULO II – SUSANA, CHAMA-SE ELA	23
2.1 A apresentação de Susana e o confronto com Túlio.....	23
2.2 A África de Susana	25
2.3 O discurso de Susana.....	30
2.4 Cativo x consciência.....	32
2.5 O protagonismo de Susana.....	35
CAPÍTULO III – MAS OS QUE ESTÃO INOCENTES NÃO FOGEM	37
3.1 O elo da escravidão e o caminho para o fim.....	37
3.2 A morte na narrativa firminiana.....	38
3.3 A crueldade de Fernando P.....	41
3.4 A culpa de Fernando x a inocência de Susana.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

A literatura como fonte histórica permite ao historiador acessar as visões de um período por meio das percepções específicas de um autor ou autora. Sendo assim, a literatura consiste em forte testemunho histórico que narra não aquilo que aconteceu, mas o que poderia ser. Pois a partir de quais perspectivas sociais e históricas o autor ou autora imagina sua obra? (CHALHOUB, 2019). As especificidades de cada obra, desde a construção de personagens até a forma de escrita, respondem às questões de um tempo histórico e revelam os condicionamentos sociais de um período. Por meio dessa perspectiva, o interesse pela obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, nasceu. Uma obra romântica de 1859 que foi esquecida juntamente com sua autora. A primeira leitura superficial de *Úrsula* demonstra uma marca narrativa específica, entretanto focada em sentimentalismos e na vertente ultrarromântica. Mas, o fato marcante é por se tratar de uma obra escrita por uma mulher negra filha de uma ex-escravizada. Ademais, a publicação do livro ocorreu em uma província interiorana do Brasil Império – em São Luís do Maranhão – em um período onde a presença feminina na literatura brasileira ainda era diminuta, sendo homens a esmagadora maioria dos autores da poesia e prosa. Ainda assim, Maria Firmina dos Reis foi reconhecida pela imprensa local e destacada como escritora conterrânea.

Ao ler *Úrsula*, o leitor se depara, à primeira vista, com uma protagonista branca e um enredo romântico clássico. Rodeada de simbologias religiosas, paisagens nacionais, moralidade cristã, idealização feminina e elevação dos protagonistas masculinos como pilares morais. Porém, dentro de uma tradicional escrita, também estão presentes personagens negros que ocupam um lugar central na narrativa, servindo de instrumento para denúncia à escravidão em várias e pontuais passagens da obra. Um dos destaques do romance está na escolha da autora de colocar personagens negros que possuem perspectivas pessoais sobre o domínio que lhes é infligido e pela forma como a autora escolhe apresentar cada um de seus temas. De tal maneira o livro chama a atenção pelo seu tema e pela sua autora que aparenta ser incomum por sua condição social, cor de pele, relações familiares e local de nascimento. Levando em consideração o tema da obra e a situação social da autora, questiona-se: como a obra foi recebida na época? E como foi recebida após ser redescoberta? Tais questões também serão analisadas ao longo deste trabalho.

Ressalte-se que Maria Firmina dos Reis é significativa como representante da presença negra e feminina dentro dos processos culturais brasileiros do século XIX. *Úrsula*, sendo a principal obra da autora e possuindo características inovadoras para época, destaca-se como

objeto de estudo de historiadores e em graduações de letras. Assim, este trabalho se debruça sobre o romance *Úrsula*; a fim de compreendê-lo por meio da interpretação da trajetória da personagem africana escravizada Susana. Sob essa premissa, o estudo, realizado por meio de levantamento bibliográfico e análise crítico-interpretativa, defende que a personagem Susana não é apenas essencial para compreensão da mensagem de Maria Firmina dos Reis, mas que na mulher africana se encontra a personagem mais importante da obra, mesmo que a protagonista seja Úrsula. Com isso, o desenvolvimento dessa análise é feito ao longo de três capítulos.

No primeiro, foi feita a contextualização da autora Maria Firmina dos Reis dentro de seu período histórico, bem como a descrição da narrativa de *Úrsula*. Ao apresentar a escrita da autora e conversar com a historiografia presente sobre a obra estudada, pretende-se abordar principalmente o aparente protagonismo branco do romance e o tema abolicionista. Portanto, a questão a ser apresentada é de como o protagonismo de Susana se constrói e como a dissimulação narrativa de Maria Firmina dos Reis esconde a principal personagem da obra.

O segundo capítulo analisa o capítulo nono da obra, intitulado “A preta Susana”. As falas de Susana expostas nessa seção buscam consolidar o seu protagonismo explorando as lentes sob as quais a personagem *firminiana* foi construída. Nesse contexto, a memória, a ancestralidade e a nação são identificadas como os principais aspectos dignos da sua pessoa, enquanto a escravidão é questionada pela própria personagem escravizada, fato inovador dentro da literatura romântica brasileira. A abordagem ainda mostra como Maria Firmina dos Reis buscava desqualificar e invalidar a escravidão por meio das vivências de Susana, a partir do momento em que cede sua narrativa para a voz da personagem.

Enfim, no terceiro capítulo há uma preocupação em explorar os pilares narrativos *firminianos* que são necessários para compreender a construção do desfecho da personagem Susana. O desfecho e a religiosidade explícita na solidificação da personagem como um mártir selam o destino de Susana destacando a importância dela na obra. É também abordado como os sentidos de liberdade, morte e cativo vão movimentar a obra para que a única personagem privilegiada com a dignificação da morte seja a africana, e quais os significados de morte e liberdade para Susana. No final da história de Susana há o resgate das mensagens sobre os horrores da escravidão, em que fica claro que dentro da cadeia da escravidão não há salvação, seja para quem escraviza ou para o escravizado.

Infere-se, assim, que mesmo que a autora, ao publicar sua obra em 1859, tenha demonstrado a consciência sobre sua condição de acanhada educação, é evidente a sensibilidade sob a qual ela cria e aborda seus personagens negros, e que sua condição como

mulher, e mulher brasileira, são fundamentais para que o aprofundamento nas dores dos personagens sejam verossímeis. Afinal, por mais que não há comprovação, as visões da autora sobre as vivências negras, a proximidade dos discursos dos personagens escravizados e a frieza com que a escravidão é apresentada podem ser demonstração de uma familiaridade com as situações de escravizados e a convivência constante com sua situação de mulher negra, entretanto, com algum avanço social.

A declaração da autora, melancólica e tímida, prepara o leitor para uma experiência simples e rara. A leitura de *Úrsula* permite com que o leitor conheça sob uma perspectiva pessoal as vidas de personagens que foram silenciados ao longo do romantismo brasileiro. Maria Firmina dos Reis tem muito a manifestar em sua obra e nas simbologias que se propôs a abordar, e, com isso, este trabalho procura contribuir para o reconhecimento da autora como uma voz feminina negra importante do século XIX.

CAPÍTULO I – PORQUE ESCRITO POR MULHER, E MULHER BRASILEIRA

1.1 Maria Firmina dos Reis na historiografia e sua obra *Úrsula*

Maria Firmina dos Reis foi uma escritora e professora do século XIX. Nascida em 1822, em São Luís-MA e falecida em 1917, no município de Guimarães-MA. Filha de Leonor Filipa e de João Pedro Esteves, sendo sua mãe uma mulata forra, após ter sido escravizada por muitos anos de Caetano José Teixeira¹. Enquanto seu pai, ausente durante toda a vida da autora, foi sócio do dono de Leonor Filipa. O acesso à educação veio graças aos esforços econômicos e ao acolhimento de sua tia materna. A maranhense demonstrava, desde sua juventude, um grande descontentamento com a educação separatista entre meninos e meninas. Manifestava ainda indignação com relação a escravidão e à submissão do povo negro, como pode ser percebido em seus diários pessoais² (MORAIS FILHO, 1975).

A autora prezava pela escrita como forma de expressão de suas dores, suas angústias e seu descontentamento com a vida, revelando-se uma pessoa melancólica desde a infância. Viveu cercada de figuras femininas e mostrava verdadeiro apreço pela educação formal, o que a levou a se consagrar professora de primeiras letras na província do Maranhão em 1847. Mulher negra, Maria Firmina dos Reis se destacou como educadora; ao fundar a primeira escola mista no Maranhão³. Destacou-se ainda como escritora, sendo a primeira romancista afro-brasileira. Foi grande advogada das causas negras e encontrou na literatura romântica formas ressaltar o ponto de vista dos personagens negros fictícios, com mensagens fortes contra o sistema escravista, como se percebe no romance *Úrsula* de forma implícita e no seu conto *A escrava* de forma explícita. (MORAIS FILHO, 1975).

Maria Firmina se estabeleceu como autora e seguiu publicando o romance indianista *Gupeva*, além de músicas folclóricas e o conto abolicionista *A escrava*. Também foi responsável por poemas nas revistas: *A Imprensa*, *Publicador Maranhense*, *A Verdadeira Marmota*, *Almanaque de Lembranças Brasileiras*, *Eco da Juventude*, *Semanário Maranhense*, *O Jardim dos Maranhenses*, *Porto Livre*, *O Domingo*, *O País*, *A Revista Maranhense*, *Diário do Maranhão*, *Pacotilha* e *Federalista* (MORAIS FILHO, 1975).

Todavia, mesmo com sua presença significativa na vida literária maranhense a autora só passou a ser discutida pela historiografia a partir de 1975 com sua republicação em edição

¹ Grande comerciante e escravagista nas terras do Maranhão no Brasil Colonial (MORAIS FILHO, 1975).

² Os remanescentes dos diários pessoais de Maria Firmina dos Reis foram publicados na obra *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida* de José Nascimento Moraes Filho, em 1975.

³ Fundada em 1876, perto de Guimarães, uma aula mista conduzida em um barracão (MORAIS FILHO, 1975).

fac-similar⁴. Na obra de José Nascimento Morais Filho, *Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida*, a autora é destacada como a primeira autora negra brasileira e *Úrsula* é definida como o primeiro romance abolicionista:

A Glorificação da Mulher Maranhense na Memória daquela que, no Passado, era apontada como modelo que as suas comprovincianas deveriam imitar, e, que no Presente, evocamos como paradigma que devem suas conterrâneas tomar, não só no cultivo da Inteligência, mas também na prática do Feminismo de Maria Firmina encarnou: - não o Falso Feminismo - o destrutivo - que quer criar a Mulher inimiga do Homem, mas o Verdadeiro Feminismo - o construtivo - que reivindica para a Mulher - Meeira Natural do Homem - as responsabilidades da Vida e na Vida - na construção de uma Nova Sociedade - de uma Nova Humanidade. (MORAIS FILHO, 1975, p. 19).

Morais Filho (1975) aborda as faces da vida de Maria Firmina dos Reis e também acrescenta as obras *Úrsula*, *Gupeva*, o conto *A escrava*, os poemas de *Cantos à beira-mar* e fragmentos do álbum pessoal da autora. No trecho acima transcrito, percebe-se a construção da imagem da autora como uma mulher de destaque não apenas no passado, mas no presente, por ela querer mudar sua vida por meio do que o autor chama de “verdadeiro feminismo”, definindo a mulher como a meeira do homem. A obra explora os pioneirismos da escritora, entretanto, sem os abordar de fato e seus significados.

A partir do trabalho de Morais Filho (1975) outros intelectuais vão se aprofundar dentro da narrativa de Maria Firmina dos Reis. Como personagem histórica relevante, a autora foi marcada como primeira representante da literatura afro-brasileira, literatura esta que será definida como a que tem como temática principal o negro e é escrita sob a perspectiva de um autor ou autora afro-brasileira (DUARTE, 2008).

Levando em consideração a cena romântica maranhense, pode-se especular que uma soma de variáveis significativas foram as causas que fizeram Maria Firmina dos Reis ser ignorada dentro dos grupos intelectuais maranhenses: ser mulher negra, filha de mulata forra, além do conteúdo de seus escritos. Como consequência da desconsideração da autora, a obra *Úrsula*, seu romance mais conhecido, ficou esquecido. Foi somente após sua republicação em 1975 que essa obra iniciou sua caminhada para dentro das discussões sobre história e literatura brasileira. Desde então, vem sendo utilizada como importante fonte histórica, destacando como pontos principais: as suas denúncias à escravidão; a construção de

⁴- Publicada por José Nascimento Morais Filho, após a obra descoberta por Horácio de Almeida em 1962 ser dada ao governador do Maranhão;

personagens negros com memórias e identidades; e a comprovação de uma escritora negra na formação literária brasileira.⁵

O doutor em teoria da literatura e literatura comparada pela Universidade de São Paulo (USP), Eduardo de Assis Duarte é grande estudioso da trajetória de Maria Firmina dos Reis e do romance *Úrsula*, ressaltando a presença negra na obra. Assim, a obra abordada aqui será: *Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira*, de 2004. Nela, o autor busca destacar o caráter negro da obra de Maria Firmina dos Reis, defendendo a concepção abolicionista e destacando a perspectiva afrodescendente da autora. Em *Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira*, o autor procura contextualizar a narrativa *firminiana* por meio da interpretação afro-brasileira e destaca o projeto da autora maranhense de dar voz aos oprimidos, priorizando as mulheres e os escravizados.

Ao publicar *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis desconstrói igualmente uma história literária etnocêntrica e masculina até mesmo em suas ramificações afro-descendentes. *Úrsula* não é apenas o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, fato que, inclusive, poucos historiadores admitem. É também o primeiro romance da literatura afro-brasileira, entendida esta como produção de autoria afro-descendente, que tematiza o assunto negro a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em recuperar e narrar a condição do ser negro. Acresça-se a isto o gesto (civilizatório) representado pela inscrição em língua portuguesa dos elementos da memória ancestral e das tradições africanas. Texto fundador, *Úrsula* polemiza com a tese segundo a qual nos falta um “romance negro”, pois, apesar de centrado nas vicissitudes da heroína branca, pela primeira vez em nossa literatura, tem-se uma narrativa da escravidão conduzida por um ponto de vista interno e por uma perspectiva afro-descendente. Assim, o romance da escritora maranhense vem fazer companhia às Trovas burlescas de Luiz Gama, também de 1859, no momento inaugural em que os remanescentes de escravos querem tomar com as mãos o sonho de, através da literatura, construir um país sem opressão. (DUARTE, 2004, p. 6).

Na citação acima, percebe-se a importância dada ao fato de Maria Firmina dos Reis utilizar-se de uma perspectiva interna para narrar e trazer à tona o desejo de um país sem opressão e a valorização dos temas marginalizados pela literatura. Apesar de ser fundamental

⁵ Apesar de não citada na obra canônica de Antonio Candido, *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880*, percebe-se que podemos mapear a trajetória da autora dentro dos pilares de formação do Romantismo. Desde a ampliação da cultura literária, por meio da imprensa à produção de livros, até a percepção da obra de Maria Firmina dos Reis como uma leitura que se apropria da verossimilhança e da realidade social para compor sua construção fictícia. Candido afirma: “O eixo do romance oitocentista é pois o respeito inicial pela realidade, manifesto principalmente na verossimilhança que procura imitar à narrativa. Há nele uma espécie de proporção áurea, um número de ouro, obtido pelo ajustamento ideal entre a forma literária e o problema humano que ela exprime.” (CANDIDO, 1954, vol. 2, pg. 98)

o destaque da autora como mulher negra, é preciso enxergar a fonte dentro de um contexto histórico maior e questionar o testemunho para além daquilo que foi escrito. Também é necessário compreender que Maria Firmina dos Reis utiliza estratégias para apresentar cada um de seus personagens. Isto é, os personagens negros são fundamentais, mas estes não partem da mesma perspectiva ou vivências. A autora destaca as diferenças entre seus personagens negros e toma cuidado para não generalizar os padrões de comportamento negro.

Na mesma perspectiva, a obra *Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista*, do historiador Rafael Balseiro Zin, busca tematizar o curso intelectual tomado por Maria Firmina dos Reis dentro do século XIX. O historiador aborda o romance *Úrsula* e sua importância para compreender o posicionamento político de Maria Firmina dos Reis ao longo de sua carreira:

A obra de estreia da escritora, sob determinados aspectos, pode ser considerada como algo novo nas letras nacionais. Isso porque, além de ser escrito por mulher afrodescendente e de ser uma das primeiras do gênero no país, sua narrativa aponta o caminho do romance romântico como atitude política de denúncia das injustiças enraizadas há séculos naquela sociedade, que fazia dos cativos e mulheres suas principais vítimas. Ao descrever os dramas vividos pela jovem Úrsula e por sua desafortunada mãe, e bem como as infelicidades de Tancredo, um estudante da faculdade de Direito de São Paulo que fora traído pelo próprio pai, Firmina redobra sua percepção acerca dos valores patriarcais, construindo um universo ficcional em que a donzela frágil e desvalida é disputada, ao mesmo tempo, pelo mocinho e pelo vilão. Soma-se a trama a tragédia dos escravos Túlio, Susana e Antero que recebem no texto um tratamento diferenciado marcado pelo ponto de vista interno e pautado por uma acentuada fidelidade até então oculta da diáspora africana no Brasil. (ZIN, 2019, p. 50).

Sendo assim, o trabalho de Zin (2019) realça as denúncias feitas pela autora maranhense, levando em consideração a narrativa da personagem branca Úrsula, como uma forma de crítica ao patriarcado que abre espaço para a denúncia da escravidão nascida dos três personagens escravizados da obra. O autor chega a destacar que a personagem africana Susana seria uma espécie de *alter ego* da autora, e, apesar de ser possível apontar a grande presença de pessoas escravizadas na vida de Maria Firmina dos Reis, não se pode afirmar a existência de uma relação direta entre a personagem e a autora. Ademais, a construção da personagem Susana passa por uma série de conceitos escolhidos pela autora que contribuem para a construção da invalidação da escravidão por meio das suas vivências fictícias. A perspectiva africana da personagem é fundamental para a valorização de Susana, mas a

ancestralidade também abriga vertentes e valores ocidentais dados à africana por Maria Firmina dos Reis para demonstrar a dignidade da escrava.

As duas obras apresentadas, muito valiosas para o entendimento e reconhecimento de Maria Firmina dos Reis, partem do pressuposto que o romance *Úrsula* abre espaço para a discussão sobre a escravidão e permite compreender as vivências de personagens negros. Entretanto, neste trabalho, é destacado como a obra de Maria Firmina dos Reis, na verdade, busca conferir sentido à escravidão sob a perspectiva de Susana. Em outras palavras, a obra em si se constrói para desvalidar a escravidão por meio da presença da mulher africana que carrega em si uma moral que não pode ser corrompida pela escravidão. O ponto de vista interno que é destacado pelos autores coloca os negros *firminianos* dentro de uma experiência unívoca, sem destacar o ponto de vista de cada um e sem considerar o destaque de Susana. Outro ponto que não é visto com clareza nos trabalhos sobre *Úrsula* é que, dentro da obra, a autora aborda, de forma disfarçada, que todos os traumas apresentados são causados em razão da existência da escravidão no Brasil.

Outra discussão presente na forma de ler a obra *Úrsula* reside em afirmar que Maria Firmina dos Reis faria um comparativo entre o patriarcado sofrido por mulheres brancas e a escravidão sobre os negros. Entretanto, a obra caminha de forma tradicional perante os personagens brancos e não existe indicativo de comparação, pelo contrário, a autora utiliza da escravidão para justificar a corrupção de tudo que ocorre no romance e naquela sociedade. As mulheres brancas da obra são descritas de forma clássica e passam por trajetórias comuns em romances da época: a pureza, a loucura, o amor idealizado e a desilusão. Contudo, a narrativa negra, principalmente da protagonista Susana, parte de uma perspectiva inovadora e complexa, pois diferentemente das personagens brancas, ela tem consciência das amarras que existem e questiona o funcionamento do sistema no qual está inserida. Assim, enquanto as personagens brancas são vítimas passivas, Susana não é.

Nesse contexto, este trabalho defende o argumento do protagonismo da preta Susana, buscando demonstrar como Maria Firmina dos Reis se utilizou da narrativa romântica e do conceito de liberdade, morte e nacionalidade para destacar em sua obra as visões de uma mulher africana, que, apesar de criada sob conceitos fictícios, ecoa em seus discursos as possíveis realidades africanas da época. A personagem preta Susana se destaca por meio de seus discursos ácidos e desinteresse perante as situações vividas pelos personagens brancos. Para mais, a autora de *Úrsula* permite que as estruturas narrativas de sua obra beneficiem a imagem de Susana em contrapartida com os personagens secundários.

A autora demonstra no seu romance que todos os personagens eventualmente vão sucumbir perante os desejos do Comendador Fernando, enquanto isso, à Susana é concedida a escolha de como ela quer selar seu destino. Susana demonstra, em mais de uma situação, ser a única personagem consciente das amarras que sofre e do aprisionamento existente em ser quem é e estar localizada onde está. O fato de a personagem ser africana e a única que possui uma lembrança real sobre liberdade em uma África idílica, a diferencia de todos os outros personagens aprisionados em algum aspecto simbólico. Sejam então essas prisões manifestadas na busca do amor, na dependência de terceiros, nas limitações do corpo, na rejeição ou na situação de escravo.

Todos os personagens, exceto Susana, têm suas fragilidades expostas e se perdem ao não conseguir entender aquilo que os limita. Enquanto isso, a consciência de Susana não se abala perante as suas amarras, pois ela as conhece. A africana é guiada por uma forte conduta religiosa moral e uma devastadora noção de que não existe liberdade em um país de escravidão. Ao entender sua condição, a africana se envolve na história de Úrsula e Tancredo, não por amor inabalável por suas boas senhoras, mas por se recusar a auxiliar a cruzada do Comendador Fernando. Ao negar ser parte dos planos do Comendador – o representante da opressão e da escravidão –, a africana se posiciona perante o sistema que a oprime e destrói. Com isso, a morte para personagem Susana, significava um fim desejável, pois era a libertação.

A forte tese sob a qual a autora sustenta sua obra vai além do que apenas mostrar os personagens negros, pois também passa uma mensagem subliminar e bem definida sobre as suas visões acerca da escravidão. Exatamente por meio de Susana é que Maria Firmina dos Reis aborda os horrores da escravidão no Brasil. Susana não fala sobre abolição, mas sim sobre liberdade na África, além de questionar a liberdade de Túlio. Não obstante, não há como a autora advogar por uma abolição que não acredita possível, ainda mais pelo fato de as terras brasileiras já terem sido condenadas pela corrupção moral do rapto de seres humanos de suas verdadeiras pátrias. Essa concepção de não haver liberdade em um país de escravidão, de certa forma, corrobora com as hipocrisias apresentadas ao se defender, na época, por meio das discussões sobre abolição, uma emancipação gradual dos negros por estes não terem capacidade para liberdade.⁶

⁶ As leis emancipatórias que começam a surgir a partir de 1830, motivadas pelas movimentações europeias em prol do fim do tráfico negreiro, abrem espaço para as discussões sobre o status da escravatura e a eventual abolição completa da escravidão. A concepção de uma emancipação gradual dos escravos permitia que o controle da liberdade fosse dado pelos senhores e controlada pelo Estado de forma não prejudicar a economia ou incitar rebeliões como se pode perceber na citação de Christiano Benedicto Ottoni em sua obra *Emancipação dos Escravos*, de 1871, publicada no Rio de Janeiro: “Observe-se que estou argumentando sobre a suposição de que

Entender a obra de Maria Firmina dos Reis como fonte histórica deve ir além daquilo que está escrito, pois é necessário mergulhar nos contextos históricos e na linguagem figurativa que a autora utiliza para desenvolver sua obra. Não se deve, portanto, afirmar que Maria Firmina dos Reis fez um romance onde existem personagens negros, mas sim questionar o porquê a autora se utilizou das bases de uma literatura branca para apresentar a narrativa negra. Em meados do século XIX, a escritora constrói uma história que viabiliza o ser mais fragilizado da sociedade brasileira da época, ou seja, a mulher africana. O que Susana representa na obra?

Susana fala por si e por Maria Firmina dos Reis ao trazer para a literatura brasileira um novo tipo de personagem. A africana traz em sua voz e sua ousada história de vida, o clamor de mulheres africanas que serão ignoradas na literatura e serão apagadas da formação nacional brasileira. Mas Susana é protagonista da obra apenas por ser africana? Ou por ter um capítulo dedicado a si? Enquanto as duas indagações fazem sentido, Susana possui uma dimensão maior; ela é protagonista da obra por ser a única capaz de compreender o seu cativo e de usar sua voz para expressar a verdade, inclusive acima do narrador-observador. Susana será a responsável por derrotar o vilão da obra e a ela caberá a função de representar a trajetória da liberdade. Liberdade esta que também é personagem escondida na obra.

Úrsula não é um romance branco com ocasionais personagens negros, mas é o testemunho histórico de uma escrita em prol da liberdade e do espaço de africanas que foram retiradas de seus países para encontrar no Brasil a dor e as tribulações de uma nação mergulhada na maldade de homens como Fernando P.

1.2 *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis

Para melhor entendimento da representatividade da personagem Susana dentro do contexto da obra, necessário se faz descrever o perfil da protagonista *Úrsula* e dos coadjuvantes negros.

Úrsula, personagem que dá nome à obra, é uma clássica heroína branca que preza pelos valores familiares, tem aura melancólica e se dedica até a loucura por um amor não

a lei se executa' sem perturbações, que o ingenuos se sujeitam ao trabalho forçado, que o paes escravo de filhos livres se armam de resignação christã, supposições estas por demais arbitrarías. Ainda assim, comtudo, que futuro espera a nossa sociedade, lançando-se em seu eio tão grande numero de analphabetos, sabidos na vespera de embrutecedora escravidão? E' assim que se hade formar a nação livre cujas maravilhas farão esquecer o trabalho escravo?" (OTTONI, 1871, p. 73).

concretizado. Já Tancredo é um herói branco que busca um amor puro que possa curar suas dores de uma desilusão amorosa passada

Úrsula vivia com sua mãe paralítica, Luiza B., e seus dois escravos restantes, Tancredo e Susana. O pai de Úrsula, homem ruim e de coração ganancioso, foi assassinado e deixou mulher e filha em dívidas. Já Tancredo nutria grande amor por sua submissa mãe e detestava seu pai, um homem poderoso e igualmente impiedoso. Ao se apaixonar por uma mulher chamada Adelaide, criou coragem para enfrentar sua figura paterna e obter a permissão de desposá-la. Tancredo, após concordar viajar por um ano como condição para casar-se com Adelaide, acaba sendo traído por ela que se casa com seu pai durante sua ausência.

Ao se conhecerem, Úrsula e Tancredo, o herói e a heroína, imediatamente se apaixonam e juram se dedicar um ao outro até o fim de suas vidas, promessa comum em qualquer folhetim romântico do tempo. Os personagens encontram em si a fuga que desejam de suas vidas cotidianas. Entretanto, o tio de Úrsula, o comendador Fernando P., se apaixona por sua sobrinha e decide desposá-la a qualquer custo. A caçada de Fernando P. por Úrsula e seu desejo de vingança contra Tancredo levaram o personagem à loucura e a uma entrega ao sentimento de destruição, sendo comparado com animais ferozes durante a obra. Eventualmente, Fernando P. encurrala os personagens e consegue com que Úrsula se case com ele, mas não consuma seu amor, pois Úrsula enlouquece de tristeza e morre em meio a um delírio. A obra sela seu final trágico com Fernando P. se isolando num convento e, por se sentir responsável pelas mortes de Susana, Tancredo, Túlio e Úrsula, é corroído pela culpa e arrependimento.

A princípio a obra se mostra simples, sem muita sofisticação narrativa e trata de temas românticos tradicionais com personagens clássicos. Entretanto, durante a narrativa são apresentados três escravos: Túlio, Susana e Antero.

Túlio é um escravo jovem que resgata Tancredo na floresta logo no primeiro capítulo. Ele representa a imagem do escravo crioulo que não foi corrompido pelas cadeias da escravidão. Túlio é, portanto, o primeiro parâmetro moral da obra. Ele apresenta bondade, empatia e acima de todas as qualidades estão a gratidão e a lealdade. Já Susana, apresentada apenas na metade narrativa, mesmo com poucas aparições, é personagem marcante, dado ser uma mulher africana velha que reúne em si a ancestralidade, religiosidade e a consciência da sua situação de escrava. Enquanto isso, o personagem Antero é apresentado de forma pontual como um velho africano que encontra no vício do álcool uma forma de se conectar com a nostalgia de sua pátria.

Por meio de dissimulação narrativa, a autora maranhense quebra estereótipos narrativos da época sobre personagens negros. Entretanto, levando em consideração a forma com que a história se desenvolve, como os personagens são construídos pela autora e os pilares da obra *firminiana*, este estudo acredita que, para além de apresentar personagens negros, o principal objetivo da autora estava em contar a história de Susana e expor, sob a perspectiva da personagem africana, os horrores da escravidão e a potência do africano e do negro.

1.3 A escrita de Maria Firmina dos Reis

Ao escrever seu romance, Maria Firmina dos Reis mergulha na prosa romântica regionalista, ou seja, conduz uma narrativa que valoriza a paisagem, personagens típicos e se centra em um núcleo rural de cunho patriarcal, mas o faz para abordar os horrores da escravidão.

A autora, fugindo das estruturas maranhenses de escrita, não trata da exaltação do Brasil e da nacionalidade brasileira, pelo contrário, enfoca a nacionalidade africana como a nação roubada e exalta a ancestralidade africana em sua personagem Susana. De tal forma, ao escrever *Úrsula* e ao contar a história de uma moça branca que é fadada a cuidar de sua mãe paralítica e sua tragédia amorosa, ela busca, de forma natural, introduzir os conceitos de liberdade, morte e cativo que irão conduzir seus personagens e priorizar a perspectiva de Susana. Assim, ao ter na personagem um elo com a África livre é que a maranhense a idealiza em sua obra.

A forma como a autora maranhense apresenta e constrói seus personagens foge à forma como o negro era tematizado por outros autores do longo século XIX. Os personagens negros *firminianos* agem, se posicionam, demonstram valores, lealdade, nutrem dores, possuem memórias e individualidades. A autora se dedica na descrição e no desenvolvimento de seus personagens negros, provendo por meio da memória e dos valores apresentados uma forma de aproximar a vivência negra de seus personagens ao leitor do século XIX. Em *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis permite que as denúncias e o desgosto à escravidão partam daqueles que sofrem. Todavia, ela o faz de forma dissimulada, isto é, constrói uma narrativa simples com fácil compreensão para enraizar em seu romance as perspectivas negras, principalmente a africana.

A obra “*O negro e o romantismo brasileiro*” de Heloisa Toller Gomes explora a fundo algumas formas como os negros eram tematizados dentro da escola romântica durante a

análise de obras românticas como *O tronco do Ipê*; *A moreninha*; e *A escrava Isaura*. A escritora destaca quatro perspectivas principais sobre como os personagens são percebidos nas obras citadas, sendo estas: o bom escravo⁷; o escravo de alma branca; o escravo instrumental; e o racialismo romântico (GOMES, 1988).

Interessa pontuar, neste capítulo, as perspectivas do bom escravo que irão nutrir o *racialismo romântico*. A concepção do bom escravo parte da ideia do negro como ser infantilizado, leal, ingênuo e incapaz de compreender a dimensão da sua condição, apenas aceitando-a. A difusão do mito do negro naturalmente incapaz, aprisionado por sua infantilidade eterna alimenta a concepção de *racialismo romântico*:

Nossos escritores românticos não estiveram infensos a tantas noções racistas. Mas, dentre todas, a atitude racial predominante na literatura romântica foi aquilo que Fredrickson denominou ‘racialismo romântico’. Consistiu o racialismo romântico numa visão paternalista e pretensamente humanitária do homem negro, caracterizando-o como o ‘cristão natural’: um ser humilde, infantil e dócil, mais preocupado com a felicidade do outro do que com a sua própria, capaz de sacrificar-se até a auto-imolação pelos seres amados (em especial, pela família do bondoso senhor). Assim sendo, o negro teria em si as virtudes mais nobres da humanidade, aquelas enaltecidas pelo verdadeiro espírito do cristianismo. (GOMES, 1988, p. 12).

A dissimulação narrativa de Maria Firmina dos Reis, portanto, parte da exploração de tendências literárias existentes para subverter durante o desenvolvimento da obra a forma como estas são apresentadas. Os pontos principais da estratégia da autora estão no modo que ela irá iniciar uma elevação de uma beleza natural brasileira, apenas para contrapor com uma África, inédita nas letras brasileiras, que será o símbolo de liberdade física da obra. É o que se percebe quando a personagem Susana descreve sua terra natal, a África, como um espaço de beleza e cultura particular: “Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor; eu corria as descarnadas e arenosas praias [...]” (REIS, 2018, p. 179).

A autora não apenas está localizando a narrativa da personagem, mas também valorizando as terras africanas como um local de admiração e verdadeira liberdade. É na África, e não no Brasil, que as idealizações irão ocorrer e dar ao continente uma imagem sagrada, civilizada e particular que foge às expectativas de um leitor do século XIX. Acostumados a compreender as terras africanas como locais de barbaridade, comportamentos

⁷ A construção do *bom escravo* será bem representada pela literatura abolicionista norte-americana de Harriet Stowe em sua obra *Uncle's Tom Cabin*, publicado em 1852, onde o personagem principal Pai Tomás se resigna a toda e qualquer violência e mostra verdadeiro amor por seu senhor. Motivado por uma fé absoluta, o personagem principal da obra norte-americana embasa o estereótipo do escravo negro como o cristão natural.

pagãos e sexualidade desenfreada, Maria Firmina dos Reis inverte o sinal ao definir a barbárie na sociedade escravista brasileira. A leveza com que Susana descreve sua terra e de sua vida antes da escravidão será duramente quebrada pela autora que, em outra ótica, narra a dura experiência sobre seus dias no porão do navio negreiro:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! (REIS, 2018, p. 181).

A visceral descrição de uma experiência vivida pela preta velha rumo à escravidão em contraste com a carga emocional que a personagem utiliza para descrever sua terra natal são contrapesos que ajudam o leitor a assimilar a dor da perda que escravos capturados passaram. As descrições de Susana do navio negreiro como um local de morte talvez guarde alguma relação com a experiência de africanos *bantus* da região central da África, definido como tumbeiros⁸. A busca de empatia e compreensão pela existência de pessoas negras é um recurso que também se enxerga ao conhecer Túlio, propositalmente menos cínico do que Susana, já que, ao caracterizar o personagem, a autora ressalta a bondade e a moral dele que durante toda a sua vida vive o cárcere da escravidão. Ao conceder misericórdia ao homem branco, Túlio atinge aqueles mais beneficiados pela injusta corrente e se conecta em um aspecto de igualdade. A autora marca a herança africana do rapaz como um ponto positivo que contribui para a força de sua ética:

O homem que assim falava era um pobre rapaz, que ao muito parecia contar vinte e cinco anos, e que ria franca expressão de sua fisionomia: deixava adivinhar toda a nobreza de um coração bem formado. O sangue africano fervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão; e embalde o sangue ardente que herdara dos seus pais, e que o nosso clima e a servidão não puderam resfriar, embalde - dissemos - se revoltava, porque se lhe erguia como barreira o poder do forte contra o fraco. (REIS, 2018, p. 101).

⁸ Forma como navio negreiro era também conhecido por sua associação com a tumba, um local de morte ou de transporte para o mundo dos mortos.

Logo no início a narrativa demonstra a clara denúncia à escravidão existente no romance que não era apenas da parte dos personagens brancos em uma posição de heróis de moral elevada, o que mais tarde passou a ser comum na literatura brasileira. Porém, na obra, as acusações nascem da boca dos negros escravizados, além de estruturar os comportamentos mais humanitários baseados nas ações desses personagens, igualando as capacidades bondosas e cristãs de pessoas negras e brancas. Sendo assim, vivências como a de Susana se tornam marco, pois a preta velha surpreende e choca com uma descrição vívida sobre como ela foi raptada de sua terra, abandonando sua família, para ser tratada de forma desumana no navio negreiro; a ética e bondade inabalável de Túlio, em quem corre sangue negro nas veias, demonstra que a escravidão não pode corromper aqueles fortes de espírito e a paridade entre a moral de um homem negro e um homem branco; e a forma como Antero, caracterizado por seu alcoolismo, escolheu um vício que o lembra de forma afetiva de sua terra materna onde tinha as chamadas “festas do fetiche”.

Maria Firmina dos Reis explora as vivências de submissão de todas as personagens em destaque para a opressão vivida por pessoas negras dentro da escravidão. Inclusive, de forma discreta, ela define que todo o mal que cerca os personagens é consequência da escravidão. Fato este que é possível ser percebido pela exploração de um inimigo comum, ou seja, o mesmo homem branco e poderoso que aprisiona *Úrsula* será o homem responsável por assassinar Túlio e Susana. Isto é, o personagem do Comendador Fernando P. será para a autora a representação da corrupção da escravidão. O senhor de engenho, o homem branco e poderoso, simboliza aqui o patriarcado e o sistema escravagista. A maldade do homem branco será explorada pela autora e construída ao mostrar como estes submetem a todos às suas mais cruéis vontades e desejos, como se percebe nas figuras paternas dos personagens de *Úrsula* e Tancredo, mas principalmente é personificado na obra por Fernando P.

CAPÍTULO II – SUSANA, CHAMA-SE ELA

2.1 A apresentação de Susana e o confronto com Túlio

Após Túlio resgatar Tancredo da quase morte e o levar para os cuidados de Úrsula, o jovem branco alforria o escravo como forma de gratidão e por enxergar nele uma bondade exemplar. É por meio das ações de Túlio que Tancredo e Úrsula se conhecem e iniciam sua aventura amorosa. Túlio se encanta com Tancredo, ao enxergar no jovem mancebo um homem branco que o tratou com igualdade e mostrou desprezo pela escravidão. O reconhecimento dos dois, o que Reis chama de “o encontro de duas almas bondosas”, se transforma em lealdade e com isso Túlio decide que irá partir com Tancredo. Entretanto, antes de deixar o seu local de cativo, Túlio busca a preta Susana para contar-lhe sobre o ocorrido e sua recente alforria. Desse momento em diante, a presença da africana fica estabelecida na obra. Desde sua apresentação, Maria Firmina dos Reis define sob quais perspectivas a escrava será percebida, conforme se observa no trecho abaixo:

E aí havia uma mulher escrava, e negra como ele; mas boa, e compassiva, que lhe serviu de mãe enquanto lhe sorriu essa idade lisonjeira e feliz, única na vida do homem que se grava no coração com caracteres de amor... Susana, chama-se ela, trajava uma saia de grosseiro tecido de algodão preto, cuja orla chegava-lhe ao meio das pernas magras, e descarnadas como todo o seu corpo: na cabeça tinha cingido um lenço encarnado e amarelo, que mal lhe ocultava as alvíssimas cãs. (REIS, 2018, p. 176).

Na primeira interação entre os dois escravizados, a autora define a relação de Túlio e Susana e marca a semelhança das personagens, pois Susana é “negra como ele”. E, ao salientar as roupas pobres, o corpo magro e descarnado e os cabelos brancos da escrava, torna clara sua ancestralidade e as marcas de uma vida sofrida em seu corpo. Além disso, destacar que Susana é negra como aquele que não é africano demonstra que os escravos são unidos pela cor e pela condição, todavia, a autora depois aponta as diferenças entre crioulos e africanos. A autora não se apoia em comparações, mas opta por destacar primeiramente a estrutura física de Susana, que era uma africana mais velha. Túlio enxerga em Susana uma mãe e uma guia, enquanto Susana vê em Túlio um amor materno, a inocência e ingenuidade de um negro novo. A compleição física e psicológica de Susana desperta respeito e mostra a grandiosidade da personagem, enquanto escrava, e é a ela que Túlio recorre para ser abençoado. Na visão dos leitores é possível perceber a dimensão da personagem pela forma

como ela será uma espécie de oráculo da obra, a voz da verdade e da claridade. Susana, conseqüentemente, exerce na trama o papel de pilar moral, além disso, também representa o papel de ponte entre as perspectivas da autora e a narrativa romântica clássica.

O diálogo entre os personagens negros, descrito a seguir, estabelece os fundamentos da obra e demonstra como a escritora, de forma consciente, utiliza da voz de Susana para contestar os conceitos vagos de escravidão e liberdade:

— Túlio, – continuou – não sabes quanto sofro quando recordo-me de que a nossa querida menina vai tão breve ficar só no mundo! Só, Túlio! Quem a acompanhará? Quem poderá consolá-la! Eu? Não. Pouco poderei demorar-me neste mundo. Meu filho, acho bom que não te vás. Que te adianta trocares um cativo por outro! E sabes tu se aí o encontrarás melhor? Olha, chamar-te-ão, talvez, ingrato, e eu não terei uma palavra para defender-te.

— Oh! Quanto a isso não, mãe Susana – tornou Túlio. – A senhora Luísa B. foi para mim boa e carinhosa, o céu lhe pague o bem que me fez, que eu nunca me esquecerei de que poupou-me os mais acerbos desgostos da escravidão, mas quanto ao jovem cavaleiro, é bem diverso o meu sentir; sim, bem diverso. Não troco cativo por cativo, oh não! Troco escravidão por liberdade, por ampla liberdade! Veja, mãe Susana, se deve ter limites a minha gratidão: veja se devo, ou não, acompanhá-lo, se devo, ou não provar-lhe até a morte o meu reconhecimento!...

— Tu! Tu livre? Ah, não me iludas! – exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. — Meu filho, tu és já livre? [...] (REIS, 2018, p. 178).

Inicialmente, pode-se analisar no diálogo a demonstração da gratidão dos escravizados por sua senhora, o que, de fato, é presente e real. Os escravos demonstram afeto e genuína preocupação não apenas com Úrsula, mas também com Luíza B. No entanto, Susana destaca que, ao abandonar a casa de sua senhora, que os tratava bem dentro da condição de escravos, Túlio estaria sendo ingrato, apenas trocando um cativo por outro. A polarização destacada aqui por Reis é que a gratidão de Susana por ter sido mais bem tratada por Luíza B. não deve ser confundida com contentamento. A africana compreende que ser tratada de forma menos cruel, e até com carinho e afeto, não é suficiente para mascarar a alcunha de escravo e amenizar a condição do escravizado. No início do diálogo entre os dois escravizados, a autora já começa a contestar os parâmetros da escravidão amena brasileira. Um escravo ser grato por não sofrer tanto, não significa estar satisfeito com a condição de escravo. E Susana não disfarça a descrença e o desgosto ao perceber que Túlio iria trocar a certeza de uma situação por uma incerteza e uma falsa liberdade. Ao cobrar lealdade de Túlio perante a bondade de Úrsula e Luíza B., a africana não está exigindo satisfação do escravo crioulo, mas sim

demonstrando os perigos de se acreditar em uma liberdade advinda de um homem desconhecido e em um país de escravidão.

Túlio parece ser o representante da vertente do escravo criado em terras brasileiras e abraçado pela esperança de uma liberdade que parte das ações de outros e, assim, a autora maranhense, de forma proposital, colocaria Túlio para ser contraposto por Susana. Túlio, por ser criado em terras brasileiras, mas possuir mãe africana, é considerado um escravo *crioulo*. O escravo crioulo, apesar de estar unido ao africano pela cor e pela condição de escravo, irá apresentar diferenças significativas dentro do seu tratamento no sistema escravista. Enquanto isso, Susana é africana em todos os aspectos, já que nasceu na África e mantém em si um código de conduta particular devido sua nacionalidade e visões mais endurecidas pela sua condição. A africana, de forma oposta às visões de Túlio, desmascara a sua crença e revela a contradição de se acreditar em liberdade em um país de escravos. A fala da preta – “Que te adianta trocares um cativo por outro!” (REIS, 2018, p. 178) – destaca com precisão seu ponto de vista e demonstra a dimensão da compreensão de Susana perante as situações sociais na qual está inserida. Susana compreende que, sendo negro, Túlio nunca experimentará verdadeira liberdade.

Pode-se afirmar, por meio dessa leitura, que Maria Firmina dos Reis busca criar uma personagem para expor os limites e a fragilidade da liberdade de pessoas negras no Brasil, o que a historiografia chamou de “precaridade da liberdade”, como destaca Sidney Chalhoub (2012) em seu livro “A força da escravidão”. A escritora usa da dissimulação narrativa ao, inicialmente, mostrar a bondade e identificação de Túlio e Tancredo, dando a entender que a bondade das almas que se reconheceram iria ser recompensada em uma liberdade plena. Todavia, a autora leva esse sentimento de conquista até as vivências de Susana, que, de forma oracular, quebra as expectativas. Susana, portanto, escancara a verdade sobre a relação entre negros e brancos em um país que ela considerava de bárbaros. Ao fingir se entusiasmar com a relação entre Túlio e Tancredo, a autora pode colocar a dinâmica do escravo que escolhe seguir mestres brancos à prova.

2.2 A África de Susana

O próximo parâmetro que Maria Firmina dos Reis explora, apresentado de forma mais ampla neste capítulo, são os significados dados para liberdade e nacionalidade durante o romance *Úrsula*. Ela destaca os personagens de sua obra baseando-se em quais experimentam liberdade e como estes a concebem. Portanto, existe na obra estudada uma discussão

abundante de diferentes formas de cativeiro e como estes se formam em um país de escravidão. Levando isso em consideração, o que liberdade significa para os escravizados? Mais especificamente, o que representa liberdade para Susana? É sob essa discussão de liberdade e nacionalidade que Susana traz de forma inédita na literatura brasileira a percepção de uma África roubada e a construção de uma pátria africana idílica.

— Não se aflija – disse. — Para que essas lágrimas? Ah! Perdoe-me, eu despertei-lhe uma ideia bem triste!

A africana limpou o rosto com as mãos, e um momento depois exclamou: — Sim, para que estas lágrimas?!... Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a tudo quanto me foi caro! Liberdade! Liberdade... ah! Eu a gozei na minha mocidade! – continuou Susana com amargura – Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah! Meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma: uma filha, que era minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! Tudo, tudo até a própria liberdade! (REIS, 2018, p. 179).

Duarte (2018) destaca a forma como a África foi tematizada pela maranhense ao dar, pela primeira vez, características civilizadas ao continente e como Maria Firmina dos Reis foge do preconceito contra a África. Preconceito este que é consequência da construção branca sobre aquilo que é África e africano, e ademais, motivada pelos interesses de sujeitar o ser africano negro como mão de obra e infra-humano⁹ (MBEMBE, 2014). Descreve o seu país de origem como um lugar de beleza e harmonia, onde coletivo e individual se encontram e existem sentimentos de pátria e pertencimento. Susana afirma que a verdadeira liberdade, para ela, só existia em seu país e ninguém gozava de tamanha liberdade como ela.

Para destacar a forma como a África de Susana é local de civilização, a autora utiliza-se de valores europeus, como a estruturação de uma família tradicional, para colorir sua África ficcional. Susana chora de saudade de sua casa, do local onde cresceu, onde foi mãe e esposa, onde estava livre e feliz. Reis abre espaço para que Susana dê um novo sentido

⁹ Infra-humano é o que o estudioso da história negra Mbembe (2014) irá denominar como um ser humano “diferenciado” que é considerado desprovido de qualquer razão, cultura e apenas é dominado por instintos.

ao que significava para ela ser africana. A escravizada não apenas fala dos horrores da escravidão, mas também aborda a vida que levava como mulher livre em um país que não era manchado pela escravidão.

O continente africano, como debate Mbembe (2014) em sua obra *Crítica da Razão Negra*, vai ser representado na literatura ocidental sob as lentes dos colonizadores brancos que irão forçar no continente os seus valores de civilidade, cultura e modernidade. O pensador camaronês afirma que na lógica ocidental foi necessário “produzir o negro” para que ele pudesse atender as necessidades brancas e para que, percebido como o outro, fosse subjugado de forma natural dentro da lógica econômica no qual o ocidente está fundado. A desqualificação moral sob a qual a razão negra europeia se constitui parte do princípio de que não há no negro qualidades significativas para a sua inclusão dentro do mundo civilizado. Existe uma relação imaginária entre a África e o Ocidente, fruto de uma manipulação histórica, que legitimou a exploração dos recursos materiais e da mão de obra africana pelos colonizadores brancos sob a justificativa de que dentro da África não havia civilização e era um mundo infantil mergulhado em idolatria, ignorância e em uma sexualidade desenfreada.

Para reconstruir a identidade do negro, apesar de nem todo negro ser africano, Mbembe (2014) aborda a importância de se refazer a imagem de uma África sequestrada pela Europa. Nessa perspectiva, na leitura de *Úrsula*, observa-se que há um interesse de Reis (2018) em tematizar uma África que fuja aos moldes animalescos, mas aproxima-se daquilo que é considerado civilizado e simboliza uma estrutura cristã de moralidade perante a cultura ocidental.

A nacionalidade de Susana conecta sua vivência em seu país originário como a forma que esta se porta e se revolta com seu cativo. Susana viveu uma liberdade como nenhum outro personagem da obra, inclusive os personagens brancos, e, portanto, sabe reconhecer aquilo que é cativo. A negra entende o peso de suas correntes e procura alertar Túlio sobre a força da jaula na qual eles estão inseridos. A recuperação do africano com um código de conduta próprio e concepção daquilo que é bom dá profundidade à personagem e retira Susana da infantilidade natural promovida pelo racismo romântico (GOMES, 1988). Mais ainda, ao definir a África como um lugar de liberdade, no qual valores moralmente positivos existiam, Maria Firmina amplia sua crítica à instituição do cativo, em boa parte legitimada pela ideia de que a escravidão civilizava, tanto no sentido de permitir o crescimento da nação brasileira em formação, como no de trazer africanos bárbaros para um país no qual a luz do cristianismo poderia redimir aquelas almas fadadas à perdição.

É por meio da nacionalidade de Susana e sua conexão profunda com as memórias de seu país que a escrava consegue superar os anos de escravidão. Existe na personagem um senso de si própria e um respeito por sua africanidade que a faz se recusar a tomar parte da trajetória branca. Susana é grata por ter tido uma senhora que lhe proporcionou uma escravidão mais amena. Entretanto, ela reconhece que escravidão amena ainda é escravidão. E a gratidão por não ser tão maltratada jamais se compara com o pertencimento e a vida que levava em sua amada África. Em seu diálogo com Túlio, a escrava continua sua narrativa para lembrar a forma como foi sequestrada e retirada da sua nação:

Ainda não tinha vencido cem braças do caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo iminente, que aí me aguardava. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... a sorte me reservava ainda longos combates. Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava – pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu Deus! O que se passou no fundo da minha alma, só vós o pudestes avaliar![...]. (REIS, 2018, p. 180).

A escravizada destaca o comportamento bárbaro daqueles que a capturaram, invertendo assim a narrativa, pois, afinal bárbaro é quem escraviza e não o escravizado. Uma das perspectivas de defesa da legitimidade da escravidão era embasada na necessidade de resgate do escravizado ou na escravização daqueles que eram presos políticos, criminosos e seriam condenados em seu país de origem. O argumento é desenhado com todos os tons e nuances em a *Memória sobre abolição do commercio da escravatura*, escrito em 1837 por Domingos Alves Branco Muniz Barreto. O militar e naturalista afirma ainda que a legitimidade da escravidão advém do sistema escravista já ser presente dentro da África, logo, com o comércio de escravos, os negros africanos têm a oportunidade de encontrar destinos mais agradáveis que em seu país originário (BARRETO, 1837). O comércio de escravos não apenas é legal perante a lei, mas parte de uma obrigação moral de resgatar os africanos para a verdadeira religião e retirá-los das terríveis consequências da escravidão da África.

Barreto (1837) esclarece que, diante das leis africanas, a escravidão ocorreria por meio de prisão política, crimes cometidos e dívidas não pagas, e as punições para tais infrações dentro da África eram cruéis e desumanas, portanto, trazer negros para o Brasil para servirem sua escravidão aqui era a forma de amenizar os destinos dos africanos escravizados. Ao afirmar a legitimidade da escravidão, o autor coloca o europeu que trafica o africano em posição elevada de herói, pois o tráfico de escravos parte de uma premissa humanizada e

cristã que retira os negros da arbitrariedade das leis africanas. Considerando essa concepção, ao analisar a fala de Susana que chama os traficantes de bárbaros e afirma que era plenamente feliz em sua pátria, conclui-se que ela retira a legitimidade da escravidão. Afinal, Susana não cometeu nenhum crime e não estava em nenhuma situação moralmente reprovável perante os parâmetros ocidentais. Então por qual motivo ela foi retirada de seu país? Reis questiona a legitimidade da escravidão invertendo a premissa do tráfico de escravos que seria um resgate ou uma expansão de uma violência que já ocorria de forma arbitrária na África. A autora, de tal forma, demonstra que a verdadeira injustiça está em retirar de sua nação uma mulher que possuía fortes vínculos familiares e se encontrava feliz.

Sob outra perspectiva, a situação familiar de Susana também é marcada pela autora quando a personagem narra seu sequestro. Assume-se que, ao dar uma família a uma mulher africana, uma família formada pelo matrimônio e da concepção de uma filha, Reis buscava dignificar a personagem e inseri-la dentro dos parâmetros civilizatórios da época. O fato de a africana ser mãe e esposa aumenta o tom da deslegitimação da escravidão de Susana. Infere-se que, ao utilizar-se do direito natural e da sacralidade da maternidade, a autora busca demonstrar as dimensões de Susana e aproximá-la da realidade dos leitores da época. Destacando a maternidade, Reis alcunha Susana como uma mãe como qualquer outra, cheia de amor e ternura para com sua filha. Não obstante, a personagem estudada durante a obra será chamada de *mãe Susana* ou *preta Susana*. A ideia de um núcleo familiar formado, os valores maternos e a fé de Susana são perspectivas que, apesar de fictícias e idealizadas, diminuem a alteridade sob a qual os negros africanos eram vistos em um mundo ocidental. De tal forma, a escravidão é questionada de dentro para fora, pois é o discurso de Susana que afronta as perspectivas sobre a qual a estrutura da escravidão africana era vista e compreendida.

Condenar a escravidão, na obra *Úrsula*, não parte somente do princípio vago que definia a escravidão como um mau necessário que, ainda que definido como necessário, seguia sendo um mau. Todavia, a obra retira as histórias de pessoas negras das massas, dá nome aos captores e aos crimes por eles cometidos. A escritora é específica ao denominar os captores de Susana como bárbaros, que não apenas a transformaram em mercadoria humana, mas riam de suas dores e zombavam de seus apelos. Ao ser raptada, quebra-se a imagem de um negro pré-destinado à submissão e se escancara as verdadeiras ações do rapto de seres humanos, pois os bárbaros a obrigaram a abandonar filha, esposo e pátria (DUARTE, 2018, p. 63). Nesse sentido, cabem os questionamentos: Sobre qual direito esses bárbaros poderiam se

tornar senhores de outros seres humanos? Sob qual justificativa os bárbaros poderiam entregar um semelhante à escravidão?

2.3 O discurso de Susana

No capítulo IX de *Úrsula* há uma mudança na construção narrativa e, portanto, o narrador observador se ausenta e permite com que Susana seja a única a contar sua história e suas perspectivas. Qual o objetivo de permitir que Susana narre sozinha sua história? A forma privilegiada sob a qual Susana conta seu passado afeta a forma como o capítulo é lido e percebido pelo leitor. Susana dá peso à narrativa, pois parte da primeira pessoa, ela não mede detalhes para vivificar suas experiências para Túlio e, com isso, ao narrar sua própria história a consciência da personagem é carimbada na obra. Susana quer ao mesmo tempo aconselhar Túlio e libertar sua mente das doloridas nostalgias que tomam espaço durante seu diálogo com o afro-brasileiro. A autora maranhense guarda para a personagem africana o poder de definir os principais aspectos históricos fundamentais da obra. O leitor não será apenas apresentado à Susana, mas será forçado a ouvi-la. A voz da personagem assume o domínio da obra e é por suas palavras que a principal quebra do romance acontece, pois, na dissimulação narrativa, a autora guia até o momento em que o leitor se torna familiarizado com a africana. A estrutura de lembranças, a firme construção da opinião e a amarga perspectiva que Susana tem da vida são os pesos que desmascaram as fachadas românticas utilizadas até então pela autora.

A dor da perda da pátria, dos entes caros, da liberdade foi sufocada nessa viagem pelo horror constante de tamanhas atrocidades. Não sei ainda como resisti – é que Deus quis poupar-me para provar a paciência de sua serva com novos tormentos que aqui me aguardavam. O comendador P. foi o senhor que me escolheu. Coração de tigre é o seu! Gelei de horror ao aspecto de meus irmãos... os tratos por que passaram doeram-me até o fundo do coração! O comendador P. derramava sem se horrorizar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligência, por uma obrigação mais tibiamente cumprida, por falta de inteligência! E eu sofri com resignação todos os tratos que se dava a meus irmãos, e tão rigorosos como os que eles sentiam. E eu também os sofri, como eles, e muitas vezes com a mais cruel injustiça. (REIS, 2018, p. 182).

Após contar a Túlio sobre seus captores em sua terra natal, Susana passa a falar sobre os seus captores em terras brasileiras. Ao discorrer sobre a dor da perda, Susana descreve sua chegada ao Brasil e como foi escolhida pelo comendador P., o tio de *Úrsula*, para trabalhar em

sua fazenda. Susana é quem apresenta o comendador como “vilão” da obra, aquele que toma para si a representatividade de toda maldade e arbítrio da escravidão. Fernando P. é descrito como impiedoso e mesquinho através da obra e é o símbolo de tudo aquilo exposto por Susana. Na fala acima, é fundamental desmembrar dois aspectos: a forma como a personagem descreve o comendador; e como Susana é destacada como narradora no capítulo.

De forma sutil, porém precisa, permitir com que a caracterização do comendador P. seja feita pela africana é a maneira de reverter a regra literária romântica oitocentista. Para uma manutenção e a naturalização da escravidão como um sistema comum e necessário, pode-se observar que nas obras românticas do século XIX personagens escravos ocupam os papéis secundários e muitas vezes são adereços estéticos. A presença do preto na narrativa romântica não afeta a história, mas estabelece a participação do negro como seres utilitários e objetificados. O negro, isto posto, é um objeto ou um animal, mas que fala, respira e se move e dessa forma será retratado. Os negros descritos nas obras românticas serão objetificados ou animalizados e terão tarefas com motivações simples e desprovidas de qualquer autonomia por parte destes. Afinal, ao se considerar a formação do Império Brasileiro em meio a uma cultura racista, alimentada pela escravidão, não há como dissociar a presença das manifestações culturais, como a literatura, das raízes racistas do país.

Gomes (1988) chama atenção para a descrição do escravo Tobias, presente na obra *A moreninha* de Joaquim Macedo Gomes e publicado em 1844. Aquele “maldito crioulo”, com “uma cara mais negra e mais lustrosa do que um botim envernizado”, “de lábios grossos” e “rapidez de movimento de um macaco” é a imagem acabada da inferioridade, imagens fortemente racializadas, na qual a forma natural que o escravizado é aproximado dos animais ou objetos contribui para a solidificação do preto como um ser de qualidade mais baixa, um ser que precisa ser domado, requer uma função ou precisa ser guiado pelos seus guardiões brancos.

Na obra *O negro e o romantismo brasileiro*, Gomes (1988) mostra como a caracterização dos negros era potente arma na estruturação do sistema que abriga o negro apenas como um ser secundário, de interesses limitados ou inexistentes. Pontuar de forma constante que os escravizados mais se assemelham em suas atitudes ou fisionomias a macacos, jacarés, cães, gatos, nada mais é do que uma tática de consolidar a hierarquia dos brancos. As qualidades negras também serão destacadas perante os animais, sejam as de fidelidade, agilidade, esperteza ou interesse. Tudo aquilo que é negro existe para elevar o branco e servir aos personagens brancos. Os negros, portanto, são apenas anexos à história dos grandes heróis e heroínas brancos.

E, sob essa vertente, a narrativa de Reis se mostra ao permitir com que Susana não apenas descreva o Fernando P., mas o caracterize como um homem de “coração de tigre”. Em *Úrsula*, aquele comparado a um animal e chamado de bestial é o homem branco que submete o povo negro à crueldade e injustiça da escravidão. Ademais, Fernando P. é um personagem na narrativa de Susana e não o contrário, ou seja, Reis entrega à mãe Susana o poder de narrar a obra sob sua perspectiva. A africana não está contando uma história dos brancos ou está contribuindo para a perspectiva branca, todavia, ela está contando a sua história. O senso de pertencimento e de si de Susana transpassa toda a estrutura romântica branca na qual o Brasil oitocentista está inserido e obriga o leitor a se interessar por aquela que, em outra obra, passaria despercebida. Susana não existia para servir ou ser útil aos seus senhores, pois já existia antes da escravidão existir para ela. E, sendo assim, não apenas é dado a Susana o poder de apresentar o vilão branco e sua história, ao emprestar provisoriamente a pena para Susana, escritora dá à africana a narrativa da obra.

2.4 Cativo x consciência

No primeiro capítulo da obra, a autora já apresenta sob qual perspectiva ela enxerga a escravidão e as consequências desse sistema. Ao descrever e apresentar Túlio como pilar moral, a autora caracteriza a escravidão como “odiosa cadeia” e estabelece que a escravidão era forçosa e imoral, pois era o “poder do forte contra o fraco!”. Reis não defende que os negros são fracos ou inferiores, o que se percebe quando ela destaca a nobreza do coração de Túlio e sua resistência para não se embrutecer perante a escravidão. Todavia, a autora afirma que o forte, isto é, o branco se aproveitou do negro e o subjugou. É no contraste entre a bondade de Túlio e a injustiça da escravidão que a escritora destaca o peso do sistema no qual pessoas crioulas e africanas serão aprisionadas. Ela busca não apenas repudiar a escravidão, mas convida o leitor a simpatizar por seu personagem. De forma rápida e cortante, a ideia de cativo é estabelecida na obra por meio da escravidão, e a aversão ao cativo é a maior motivação apresentada. Após marcar para o leitor o principal cativo, aquele que está acima das forças físicas, Reis opta pela sutileza para continuar a demonstração daquilo que, para ela, prende os outros personagens. Cativo, dentro do romance *Úrsula*, é aquilo que se vê e se sente, mas também está associado com a falta de consciência. Ou seja, alguns personagens não possuem noção daquilo que os verdadeiramente limitam em suas condições miseráveis. O cativo, para Reis, é o oposto de consciência. Logo após apresentar a escravidão como

odiosa cadeia e Túlio como pilar moral clássico, a autora firma seu conceito de consciência e mente:

— Homem generoso! Único que soubeste compreender a amargura do escravo!... Tu que não esmagaste com desprezo a quem traz na fronte estampado o ferrete da infâmia! Por que ao africano seu semelhante disse: — És meu! — Ele curvou a fronte, e humilde, rastejando qual erva, que se calcou aos pés, o vai seguindo? Porque o que é senhor, o que é livre, tem segura em suas mãos ambas a cadeia, que lhe oprime os pulsos. Cadeia infame e rigorosa, a que chamam ‘escravidão’?!... E entretanto este também era livre, livre como o pássaro, como o ar; porque no seu país não se é escravo. Ele escuta a nênia plangente de seu pai, escuta a canção sentida que cai dos lábios de sua mãe, e sente como eles, que é livre; porque a razão lho diz, e a alma o compreende. Oh! A mente! Isso sim ninguém a pode escravizar! (REIS, 2018, p. 115).

A definição dos conflitos entre cativo e consciência são bem percebidos na fala do escravo Túlio que, ao se solidarizar com Tancredo no capítulo II – *O delírio*, dá espaço para uma divagação que estrutura a potente afirmação de que a mente ninguém pode escravizar. A autora maranhense deixa nítido, então, como enxerga a situação do escravo. A autora consegue substancializar sua premissa de que a escravidão endurece e corrompe aqueles que escravizam, mas não desumaniza quem é escravizado, pois o escravo possui dentro de si a consciência e uma mente que não pode ser aprisionada. A consciência é a ponte entre o cativo e a liberdade, como demonstra Túlio. Afinal, é por meio da consciência que é possível acessar as possibilidades existentes para se libertar das condições atuais, sejam físicas ou mentais.

É interessante, portanto, notar que a autora não antagoniza liberdade e cativo, uma vez que ela entende que liberdade nem sempre é fruto apenas do querer, como se percebe na escravidão. Todavia, a liberdade que não pode ser atingida em uma realidade física pode ser mantida dentro de uma mente. Um dos principais pontos que elevam os que estão na condição cativa no livro aqui analisado é que eles não se enxergam como escravos, mas como pessoas escravizadas. Há uma diferença entre *ser* escravo e *estar* escravo. Túlio e Susana estão escravizados e suas mentes podem alcançar diferentes patamares que ultrapassam a escravidão. Apesar dos dois escravizados possuírem visões diferentes, os dois partem da mesma premissa de que suas mentes pertencem a ninguém mais do que eles mesmos. Após estabelecer que existe liberdade na mente daquele que é escravizado, ainda no capítulo II, Reis utiliza do delírio para apresentar uma solidificação do sentimento de liberdade:

Nas asas do pensamento o homem remonta-se aos ardentes sertões da África, vê os areais sem fim da pátria e procura abrigar-se debaixo daquelas árvores sombrias do oásis, quando o sol requeima e o vento sopra quente e abrasador: vê a tamareira benéfica junto à fonte, que lhe amacia a garganta ressequida: vê a cabana onde nascera, e onde livre vivera! Desperta porém em breve dessa doce ilusão, ou antes sonha que a engolfara, e a realidade opressora lhe aparece: é escravo e escravo em terra estranha! Fogem-lhe os areais ardentes, as sombras projetadas pelas árvores, o oásis no deserto, a fonte e a tamareira. Foge a tranquilidade da choupana, foge a doce ilusão de um momento, como ilha movediça; porque a alma está encerrada nas prisões do corpo! (REIS, 2018, p. 116).

Quando Túlio encontra Tancredo no primeiro capítulo, o herói branco está ferido e doente, sendo assim, Túlio o leva para ser cuidado na casa de Úrsula e Luiza B. Durante as noites que Tancredo permanece febril e delirante, o escravizado não sai do lado do novo amigo e inicia um delírio próprio. Ele viaja em meio às hipóteses e lembranças de sua mente. Túlio remonta uma imagem gráfica de uma África fictícia, que será durante a obra a representação viva de uma liberdade dos negros que já não pode mais ser alcançada de forma física. A África idílica de Reis é apresentada duas vezes na obra, com Túlio – que acessa a pátria em seus devaneios – e com Susana – que a acessa por meio de suas dolorosas lembranças. A autora estabelece a liberdade como um desejo, uma necessidade intrínseca e um estado mental. A ideia de pátria, novamente, é dada ao país que não há escravidão e onde os africanos não são oprimidos. A liberdade proposta pela autora, nesse sentido, é um local de ancestralidade que guarda em si a verdadeira noção de país de origem.

A construção de uma liberdade que não pode ser atingida de forma real solidifica a trajetória dos personagens da obra que vão sucumbir aos pesos de suas correntes. Ademais, a forma como a África será a representação de uma liberdade plena em oposição a um Brasil corrompido pela escravidão faz a autora flertar com a noção de que todos os cativos da obra são relacionados com a presença da escravidão. Isso significa que a presença da escravidão como um sistema sufoca a liberdade a tal ponto que inclusive aqueles não subjugados pela escravidão são fadados a viver em uma condição de não liberdade. A escravidão é, portanto, inibidor de qualquer liberdade.

De tal forma, o molde narrativo de Reis se inicia perante as duas concepções estabelecidas: os personagens estão presos e a liberdade verdadeira não existe no país que eles estão. Cativo e liberdade são o cerne da literatura de *Úrsula*. Sendo assim, é delegado à consciência o papel de ser a ponte entre os dois pilares.

2.5 O protagonismo de Susana

A construção do protagonismo de Susana é rápida e certa. A personagem é ocultada até meados da narrativa para, em um capítulo biográfico, se apresentar e mostrar as verdadeiras intenções da obra de Reis. A centralidade de Susana, contudo, não parte somente de sua origem ou de possuir um capítulo apenas para si. Entretanto, a importância de Susana e seu protagonismo se dão pela forma como a personagem engloba os principais símbolos da escrita *firminiana*. Como mostrado, a personagem define aquilo que é liberdade, cativo, pátria, moralidade e fé. Em um único capítulo Susana conta toda sua história. Faz isso a partir de seu ponto de vista e sem necessitar estar envolvida dentro da trama branca do romance. Susana não existe, portanto, para sanar ou preencher a narrativa de Úrsula, enquanto Úrsula será personagem na narrativa de Susana. Susana é o pilar central da obra, pois guarda em si as respostas das quais os outros personagens desconhecem.

Apesar de aparecer pouco na obra, Susana possui centralidade narrativa, voz ativa perante o desenrolar da história e é responsável para carregar as propostas da autora até seu final. Cabe à Susana enfrentar o vilão, embate que será explorado mais a fundo no capítulo seguinte, e também lhe é designado encerrar em si a liberdade que é ausente na obra até o momento de sua morte.

Maria Firmina dos Reis, ao criar a personagem Susana, personificação do sentimento africano, contraria tudo que já tinha sido feito até então. A negra Susana é a imagem do africano que, tirado à força, de forma brutal e bestial de sua terra natal, foi animalizado e classificado como objeto, coisa, mão-de-obra forçada e gratuita para senhores inescrupulosos. É ela quem explica ao jovem Túlio, escravo alforriado pelo branco Tancredo, o sentido da verdadeira liberdade. (MENDES, 2016, p. 106).

A verdadeira liberdade pontuada por Mendes (2016) na citação é o motivador do romance *Úrsula* como um todo. Reis faz uma narrativa sobre os horrores da escravidão e os cativos que existem na vida de cada personagem. A partir disso, a personagem central é aquela que não apenas compreende estar presa, mas que já experimentou a liberdade. Susana abraça em si a historicidade do povo africano e a subjetividade da liberdade definida pela autora.

No capítulo nove de *Úrsula*, Susana é apresentada pelo narrador observador que acompanha todas as outras partes da obra, mas assim que a preta velha inicia sua fala, o narrador se retira. O leitor é deixado a sós com a africana e é convidado a emergir em uma

experiência que demonstra, em primeira pessoa, os horrores da escravidão. É a partir desse capítulo de sua obra que Reis estabelece de forma incontestável o protagonismo de Susana e sua importância para o entendimento não apenas da obra, mas daquilo que de fato é mostrado no romance. A protagonista, então, é introduzida apenas no meio da narrativa e com isso arremata e fecha todo o ciclo de apresentações, deixando claro ao leitor sob quais perspectivas a obra é fundada. Susana compreende que sua existência basta-se em si e isso a destaca perante todos os outros personagens.

CAPÍTULO III – MAS OS QUE ESTÃO INOCENTES NÃO FOGEM

3.1 O elo da escravidão e o caminho para o fim

O clima melancólico de *Úrsula* se explica após Maria Firmina dos Reis permitir a abordagem de Susana sobre os horrores da escravidão por meio de suas falas e deixar claro que em um local onde há escravidão, não há como existir liberdade. A princípio, imagina-se que a escravidão apenas diz respeito àqueles que escravizam e são escravizados, entretanto, a autora vai além e, por meio da sua narrativa, demonstra que a escravidão é um sistema que corrompe a todos que tomam parte nele. Reis expõe que está fadado à tragédia o local onde há escravidão e subjugação de outros seres humanos, pois onde existem correntes de cativeiro não há como nascer liberdade. Essa analogia fica evidente ao final trágico de cada personagem da obra, conforme se observa na narrativa a seguir.

Após Túlio decidir viajar com Tancredo, que precisa resolver alguns problemas antes do seu casamento com Úrsula, o comendador Fernando P. será introduzido na narrativa de forma sutil, carregando em si o símbolo máximo da arbitrariedade da escravidão. Depois da partida de Tancredo, Úrsula vai à mata para passar o tempo e pensar em seu amado, entretanto, a mata, que é geralmente solitária e calma, se agita com o som de um tiro e a morte de uma perdiz. Úrsula vê aquela cena em choque e logo aparece um caçador que, ao vê-la, encanta-se profundamente por ela e por sua inocência. O caçador imediatamente declara seu amor para Úrsula, que o nega prontamente e sai correndo atordoada. O leitor descobre posteriormente que esse caçador é Fernando. O comendador Fernando, decidido a casar-se com Úrsula de qualquer forma, vai até a casa de sua irmã Luiza B. no dia seguinte para falar de suas intenções para com sua filha. Luiza B., ao escutar as declarações de Fernando, morre de desgosto. Em seguida Fernando descobre que Úrsula não apenas está apaixonada por Tancredo, mas vai casar-se com ele. Decidido a impedir essa união, Fernando P. inicia uma jornada para vingar-se de todos que ficaram entre ele e Úrsula. Tancredo e Túlio voltam à fazenda da falecida Luiza B. a tempo de encontrar Úrsula no cemitério sozinha e de lá fogem para um convento em outra cidade. Nesse convento, onde Tancredo e Úrsula iriam se casar, Fernando P. assassina Túlio e Tancredo, e ainda obriga Úrsula a se casar com ele. No epílogo da obra, a autora revela que Fernando P. é infeliz, pois Úrsula ficou louca de tristeza e morreu em meio a um delírio sobre Tancredo. Fernando P., impune de todas as atrocidades cometidas, se muda para convento de carmelitas, enlouquece e morre acometido por uma doença grave.

O fim trágico de todos os personagens completa a mensagem solitária e mórbida do romance *Úrsula*, que ganha forma na inscrição “da lápide rasa e singela” no túmulo de Úrsula: “Orai pela infeliz Úrsula”. A inscrição da lápide é também a sentença final do livro, que conta a história de mais uma vítima da escravidão. Contudo, é por meio do fim de Susana que a autora conclui e sela o ciclo sobre a escravidão. A centralidade do embate entre Fernando e Susana é dada pelos personagens representarem as extremidades da mesma cadeia. E se Susana é a personagem principal, por que a autora não permitiu com que ela se salvasse? Por que Susana não fugiu? Esses questionamentos serão compreendidos na medida em que se expõe a narrativa traçada pela autora no tópico a seguir.

3.2 A morte na narrativa firminiana

Maria Firmina dos Reis demonstra que a leitura de sua obra parte de visões específicas da mesma maneira que acontece com a simbologia da morte. A morte física é percebida sob duas distintas lentes, isto é, enquanto consequência e libertação. No romance, a morte é o final trágico de todos os personagens, porém como eles caminham até a morte e a percebem é o que diferencia a forma como o destino de cada um será selado. A princípio a morte será introduzida de forma tradicional, ou seja, como um final a ser evitado a todo custo. O medo da morte e o pavor da perda do outro são tratados de modo bem pontuado pela autora, enquanto o leitor acompanha os dias em que há incerteza da sobrevivência de Tancredo logo no início do romance.

Úrsula, a donzela branca do romance, é apresentada no segundo capítulo da obra no momento em que expressa sua bondade para com Tancredo. E quando o recebe na casa de sua mãe, Úrsula irá dedicar seus próximos dias a velar pela saúde de Tancredo. É a partir desse cuidado inicial que a paixão dos dois surge. A empatia, cuidado e afeição que brotam de Úrsula para Tancredo fazem com que a donzela tema pela sua morte: “Oh! Terrível ideia! A morte! É ele tão jovem... Tão leal, e tão franca é a sua fisionomia... Meu Deus! Seria bem duro vê-lo morrer!. Tancredo é jovem e, de acordo com Úrsula, por ter em sua fisionomia aparência franca e leal, seria duro vê-lo morrer. Túlio e Úrsula se empenham não apenas de forma material, mas de forma espiritual para os cuidados de Tancredo.

Mas ambos [**Túlio e Úrsula**] sentiam iguais temores, aflições iguais: é então porque ambos o amavam. (REIS, 2018, p. 116).

É notório o amor do escravo e da heroína branca por Tancredo e o quanto temiam a medonha ideia da morte. O escravo tinha em Tancredo a “vida de sua alma”, a imagem de um Deus que lhe sorria, logo a perda de Tancredo significaria, para ele, a perda de sua liberdade e do primeiro símbolo de esperança que a vida lhe proporcionava. Isso remonta à afirmação de que Túlio assume na obra o papel do escravo que acredita que deve associar-se ao branco em prol da sua liberdade. A ligação de Túlio com Tancredo era sincera, sendo alimentada pelo desejo de liberdade que existia dentro do escravizado. Na mesma proporção, Úrsula passou a amar Tancredo, porque ele também significava uma nova liberdade, não apenas fisicamente, mas uma liberdade da melancolia inexplicável. Tudo que Úrsula conheceu na vida foram os amores maternos e o medo. Nesse sentido, Tancredo se transformou em um símbolo de uma nova possibilidade. Estabelecida essa relação, a morte de Tancredo seria para os dois personagens o fim de uma possibilidade e o encerramento de uma nova razão de vida.

De forma simultânea a essa leitura da morte, Reis apresenta mais adiante o significado da morte para aqueles que estão aprisionados pelo corpo físico, destacando a vertente espiritual da morte e se embasando na fé cristã que apresenta a morte como o início de uma nova vida. A morte continua significando encerramento, entretanto, para aqueles que não gozam de uma liberdade material em vida, a morte se dá como o equilibrador e a justiceira, retirando destes as injustiças da vida e os levando até um novo início onde há justiça e liberdade. É por meio dessa interpretação que Susana define o significado de morte para si.

No capítulo nove de *Úrsula*, já abordado neste trabalho, Susana faz uma longa e dura narrativa sobre seu sequestro, sua transferência da África para o Brasil e sua instalação em uma terra desconhecida. Em meio a sua narrativa, ela aborda como o navio negreiro, simbolizava a morte de muitos de seus companheiros:

Muitos não deixavam chegar esse último extremo – davam-se à morte. (REIS, 2018, p. 181).

Contudo, a africana aponta que a morte para o escravo nem sempre é um final trágico, mas pode significar libertação e resistência. Ela mesma não temia a morte e até a esperava, mas sentia que Deus lhe reservara algo que ela ainda não compreendia. Nota-se que a autora marca por diversas vezes como Susana possui uma conduta moral própria, por isso enxerga a morte de forma também própria. O suicídio escravo, amplamente debatido na historiografia, é considerado o último ato de resistência, não apenas se libertando fisicamente da escravidão, mas prejudicando o senhor de forma financeira (CANARIO, 2011). A maneira como o

escravo interpreta a morte voluntária é distinta do modo como a cultura judaico-cristão a define. Suicídios individuais ou coletivos eram práticas comuns tanto nas plantações brasileiras quanto dentro dos navios negreiros. O suicídio, portanto, não é sinônimo de fraqueza ou uma desistência da vida motivada por sentimentos pagãos: a morte voluntária dos escravos toma forma de uma válida arma de resistência perante a escravidão. Nesse sentido, Susana faz alusão àqueles que não se deixaram levar ao último extremo, mas chegaram ao Brasil e a uma nova vida dentro da escravidão.

Diferentemente de Susana, que sobreviveu à viagem, seus companheiros optaram por dar-se à morte motivados por causas distintas e próprias de uma cultura não ocidental. Em outro contexto, na obra *É mais uma scena da escravidão: suicídios de escravos na cidade do Recife, 1850-1888*, o historiador Ezequiel David do Amaral Canario aborda como a percepção da morte voluntária é afetada pela instalação de um comércio de escravos transatlântico e como a formação de um sistema escravista europeu motivado pelo racismo afetam as percepções dos escravos sobre a morte. Diante do trabalho compulsório, as condições desumanas, os processos violentos de aculturação e subjugamento físico e psicológico, o suicídio dentro da cultura escrava passava a simbolizar libertação e negação da condição de escravo (CANARIO, 2011).

Além disso, levando em consideração que até meados do século XIX, no Maranhão, a maioria dos escravos era proveniente da África Centro-Occidental e de São Tomé, outra análise que pode ser feita é a partir do trabalho *“Malungu ngoma vem!”: África coberta e descoberta no Brasil*, de Robert W. Slenes. Nele, o historiador faz uma análise das palavras *malungu* e *kalunga* que, dentro da árvore linguística do *bantu*, significam: mar, rio ou canoa. Por meio da interpretação da metonímia das palavras, o autor apresenta a crença partilhada pelo povo falante da língua de que o mar seria o divisor entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos (SLENES, 1991). Portanto, aqueles que atravessavam o mar faziam uma travessia para a morte. A concepção de que ser levado para o outro lado do mar significava morrer se encaixa na ideia apresentada por Susana ao descrever suas experiências no navio tumbeiro. Além do mais, dentro da cadeia *bantu*, a concepção do *kalunga* também poderia partir de uma perspectiva de retorno, isto é, aqueles que morrem voltam para a África. Susana apresenta uma visão de morte diferente e isso mostra respeito por seus irmãos de travessia que decidiram retirar as próprias vidas como forma de não aceitarem o destino traçados para eles, enquanto que ela completa a travessia e é inserida em um país desconhecido para aturar mais anos de sofrimento.

O dia que a africana for levada ou se der à morte, ela o fará por meio de suas próprias crenças e motivada por aquilo que lhe é fundamental. Apenas a morte, para Susana, tem a força de findar o seu cativeiro por completo e lhe proporcionar a liberdade que era existente numa África distante. No núcleo de Susana, a morte perde então a conotação trágica e escandalosa que é perceptível na forma com que Úrsula e Túlio a encaram. Conseqüentemente, a velha africana encerra o pilar da morte *firminiana* que é associada com a libertação e a igualação dos seres novamente. Susana, de maneira profética na obra, estabelece que sua morte será distinta das outras.

3.3 A crueldade de Fernando P.

Em sua busca por Úrsula, Fernando visita a casa da irmã e interroga Susana que se contenta apenas em dizer a verdade, sem colaborar com a busca do comendador. Após descobrir que o local indicado pela africana estava vazio, o comendador manda buscar Susana:

O feitor apareceu com prontidão. Era um homem de mediana estatura, tez pálida, e olhar melancólico. Ao entrar, fez uma respeitosa cortesia ao comendador, que a não respondeu, e disse: — Às vossas ordens, senhor comendador.

— Quero imediatamente dois negros, que irão voando à casa que foi de Paulo B. — parou, e com as mãos pareceu afastar de diante dos olhos uma sombra desagradável; mas foi um momento, recuperou sua feroz energia, e continuou: — Que me tragam sem detença Susana. Ouvis, senhor? Que a tragam de rastros. Que a atem à cauda de um feroso cavalo, e que o fustiguem sem piedade, e...

— Senhor comendador, — observou o homem, que recebia as ordens — ela chegará morta.

— Morta?... Não, poupem-lhe um resto de vida, quero que fale, e demais reservo-lhe outro gênero de morte. (REIS, 2018 p. 238).

A autora demonstra o descaso de Fernando com a vida da escrava. E, apesar de não ser surpreendente a ideia de que Fernando trazia consigo o entorpecimento do poder e arbitrariedade da escravidão, na escolha de reforçar a forma como tratava seus escravos e o requinte de crueldade na punição que aguarda Susana, pode-se imaginar que a autora buscava solidificar a posição do comendador como o símbolo máximo da escravidão. Demonstrar como a escravidão parte de um poder infundado e não legítimo auxilia o leitor a se solidarizar com os escravos e, para além disso, contra-argumenta a concepção que a escravidão no país

teria uma camada mais amena e que os senhores cuidariam de seus escravos de forma justa e bondosa.

A primeira ordem dada pelo comendador é sobre como ele quer que Susana seja levada até ele, presa a um cavalo e com vida suficiente apenas para ser torturada novamente. Fernando afirma que para Susana está reservado outro gênero de morte. Destaca-se aqui como a vida dos escravos era frágil perante as vontades dos senhores, pois até a decisão da morte ficava em suas mãos. Vale salientar que a Constituição brasileira de 1824 definiu como cidadãos brasileiros aqueles que fossem livres.

O silêncio da Constituição de 1824 sobre o tema da escravidão coloca o ser escravo fora do alcance do governo brasileiro do século XIX. Portanto, de forma indireta, a inviolabilidade dos direitos privados dos senhores sobre seus escravos ficava validada pela não interferência do Estado. Apesar da omissão da Constituição em relação ao sistema escravista, isso não implicava a completa ausência da jurisdição brasileira sob os escravos e as obrigações dos senhores. No Código Criminal brasileiro de 1830 houve o estabelecimento da presença jurídica do escravo dentro do Império, de tal maneira, que escravizados muitas vezes se utilizavam do sistema de justiça para se livrar de senhores cruéis, denunciar atitudes imorais ou relatar negligência por seus senhores. Nota-se que a presença do escravizado dentro da vida jurídica do Império, ao mesmo tempo em que este será percebido como ser ausente na Constituição, coloca o escravo na situação de *persona*¹⁰ e *res*¹¹ dentro da vida legislativa brasileira (CAMPELLO, 2010). Ainda que existissem leis que garantiam, em alguma instância, a responsabilidade e os limites dos senhores para com seus escravos dentro do sistema escravista, é possível perceber o domínio das vontades senhoriais. Apontar como senhores de escravos eram autoritários e injustificáveis, dentro de *Úrsula*, contribui com a formação de uma narrativa que busca denunciar a escravidão e, acima de tudo, seu caráter ilícito.

3.4 A culpa de Fernando x a inocência de Susana

Diante das atrocidades ordenadas por Fernando P., seu feitor se recusa a executá-las e ainda segue para avisar Susana daquilo que a aguardava. Ao adiantar que o feitor iria avisar Susana da violência que o comendador reservava para a africana, mais uma vez, se cria a expectativa no leitor de que a escrava poderia fugir ou se safar do destino cruel. Na narrativa,

¹⁰ *Persona* é a definição da pessoa jurídica (CAMPELLO, 2010).

¹¹ *Res* é objeto de relações jurídicas que possuem valores econômicos (CAMPELLO, 2010).

Susana caminhava acompanhada pelo capelão do comendador. Assim, o caminho que Susana percorre até se encontrar com o comendador e a forma como ela irá lidar com a situação são essenciais para o entendimento da personagem e sua centralidade na obra. Entretanto, a autora destaca primeiramente na cena a presença do padre que acompanha a escrava, este que, apesar de discordar de Fernando por respeito a sua posição social, se torna conivente com as suas violências. A escritora, durante o capítulo XVI, pontua a presença do padre durante a perseguição de Fernando por Úrsula e os rastros de violência deixados por ele no caminho. É possível imaginar que Reis buscava representar a presença da Igreja Católica perante o sistema da escravidão, ao fim de que, independente do discurso de igualdade entre os homens, a Igreja era cúmplice do sistema escravista.

Demonstrar que entre a Igreja Católica, seus representantes e os senhores de escravos existia uma relação íntima revela a crítica da autora para a passividade da Igreja com a violência da escravidão. O capelão era dedicado ao comendador devido aos favores já recebidos e pela posição social de Fernando. O estabelecimento da aliança entre a fé cristã e a arbitrariedade de Fernando é contrastada com a fé vivida por Susana que, apesar de não se autodenominar cristã, pontua por diversas vezes sua fé e a crença marcada por suas vivências. É por meio dessa fé vivida, diferente da fé de fachada de Fernando, que a autora busca engrandecer a personagem ao mais uma vez quebrar as expectativas dos leitores e não permitir a fuga de Susana.

— Vou imediatamente avisar a velha Susana – disse consigo o feitor – e ainda será tempo de fugir. – Saiu correndo a pegar o seu cavalo, mas, à hora que tão generosamente se dirigia à casa de Luísa B., um sacerdote montado em uma mula acompanhava a preta Susana, conduzida por dois negros, e murmurava em voz inteligível estas palavras do salmo 138: ‘Para onde me irei de vosso espírito? E para onde fugirei de vossa face?’ Susana não vinha atada à cauda de um cavalo, caminhava com a fronte erguida, e com a tranquilidade do quem não teme; porque é justo.

— Foge, Susana! – bradou-lhe da orla da estrada uma voz forte: ela pareceu nada ouvir, e o padre continuou: — ‘Se subira ao céu, vós lá estais; se descera aos infernos ali vos encontraria’. Então a voz tornou-se a ouvir, e um homem apareceu. Era o ex-feitor; o padre e os negros o reconheceram. — Foge, Susana!

— Fugir? Não, meu senhor. Não sabeis que sou inocente?

— Louca! – tornou ele – Toma o meu cavalo e foge. Que importa àquela fera a tua inocência? Acaso não conheces o comendador?

Susana replicou-lhe com vivo reconhecimento: — O céu vos pague tão generoso empenho; mas os que estão inocentes não fôgem.’ (REIS, 2018, p. 239).

O padre vinha recitando um versículo e não há como afirmar se este pedia por si, devido à vergonha de sua passividade, ou pela vida de Susana. A forma como o início da cena é apresentado pelo narrador destaca a lente religiosa sob a qual a autora constrói o acontecimento. Quando o feitor avista a africana, ela está tranquila e com a fronte erguida, pois quem é justo não teme. O narrador afirma que Susana é justa e por isso não teme más notícias ou malfeitores. Existe aqui a alusão à justiça cristã e a percepção de Susana como um mártir em construção. Susana não se desespera com os alertas do feitor, que a implora para fugir, e ainda afirma que é inocente. Susana opta por não fugir e escolhe enfrentar a ira de Fernando, não motivada por seu amor por Úrsula, mas pela sua própria fé e conduta moral. A autora constrói o discurso de que Susana não é corrompida pela escravidão, pois é justa, e dessa maneira, faz referência que pessoas africanas são honradas e justas. Com isso, a autora diferencia o povo africano daqueles como Fernando P, que escravizam.

Maria Firmina dos Reis, por meio da personagem Susana, eleva o povo africano. Considerar a africana como uma pessoa de moral elevada e mente forte colabora para a quebra do argumento que a emancipação do escravo deveria ser gradual e lenta, pois o povo negro não estaria preparado para a liberdade. O ato de se colocar tranquila perante aquele que a ameaça põe Susana em uma posição de superioridade. Ela é a única personagem da obra que não foge do comendador e o enfrenta apoiada em suas certezas pessoais.

Ao vê-la, o comendador rugiu como um tigre, os olhos injetaram-se-lhe de sangue, e as artérias intumescidas ameaçavam arrebentar: seu semblante tornou-se roxo de ódio, e a fisionomia era medonha, e horripilante. — Para onde foi Úrsula? — interrogou com voz que horrorizava — Para onde foi Úrsula? Fala, ou prepara-te para morrer sob o azorrague.

— Não sei, meu senhor, — respondeu humildemente a velha — disse-me que vinha orar ao cemitério.

— Não sabes dela?! Queres arrostar comigo?... — e os olhos desferiram chamas de raiva, que gelavam de terror. — Foste sua cúmplice, hás de pagar-mo.

— Em nome do céu! — exclamou a mísera, atormentada por tão sinistras ameaças: — que sei eu? (REIS, 2018, p. 242).

Ao mesmo tempo em que Susana é mais aproximada da elevação moral, agindo com humildade e certeza, mais o comendador se aproxima da loucura e suas feições se distorcem. O narrador insiste em comparar Fernando com animais e destacar que suas fisionomias mudavam de acordo com seu humor. A dualidade da irracionalidade de Fernando, ao punir uma inocente, com a resignação e dignidade de Susana ao recusar-se a fugir, é aqui fundamental. Pois quem é o bárbaro? Ao se encolerizar cada vez mais, Fernando perde suas

atribuições humanas e é descrito de modo semelhante como os africanos eram caracterizados. No momento que Susana o enfrenta, há uma transição para que Fernando seja a corrupção e ganância encarnada, perdendo sua humanidade. A perda de controle de Fernando é o caminho oposto trilhado por Susana que, por meio da sua fé, retoma o controle das suas ações e encontra uma forma de se opor à escravidão.

Susana havia dito a Tancredo que Úrsula lhe falara de um perigo iminente, se ele Tancredo retardasse mais o seu regresso, e que esse perigo criava-o o comendador; lembrava-se de que o moço partira imediatamente para o lugar por ela indicado, e onde devia estar Úrsula, persuadiu-se mesmo algumas vezes de que a moça, para escapar às perseguições de seu tio, se houvesse submetido à proteção do mancebo, e fugido; mas tudo isso não era mais que suposição e quando mesmo ela o soubesse com certeza, estava longe de querer denunciá-la a um homem que tão funesto era para quantos o conheciam. Pediu a Deus que lhe pusesse um selo nos lábios, e o valor do mártir no coração.

— Então... – tornou ele enfurecido – confessas, ou não?...

— Não sei, meu senhor! – replicou Susana.

— Não sabes quem seja o seu sedutor? Não o viste sair em sua companhia?...

— A menina saiu só, eu a quis acompanhar; porque ela estava louca de aflição; mas disse-me: — Proíbo-te que venhas; deixa-me que vá rezar sobre a sepultura de minha mãe, e...

— Levem-na! – bradou o implacável comendador. – Mais tarde confessarás tudo. (REIS, 2018, p. 242).

Susana, ao ser ameaçada de morte por Fernando, pede para que Deus coloque em seu coração o valor do mártir para que ela nada revele. Por mais que a africana pudesse supor onde estava Úrsula, ela se recusava a colaborar com quem tinha um coração funesto. A escrava “derrota” Fernando ao dizer a verdade e ao se negar a colaborar com ele, ou seja, nega as vontades de Fernando e se opõe a ser cúmplice de violência e injustiça. O padre pede seguidamente por Susana e é ignorado com veemência por Fernando, que só se saciará quando se vingar de todos que ele julga tê-lo traído e desobedecido. Acredita-se que Reis (2018) utiliza da fé cristã, muito marcada neste capítulo, como forma de dignificar e aproximar Susana das morais da época. Ter a certeza da inocência de Susana e sua resistência em fugir aumenta no leitor a indignação contra Fernando e tudo que ele representa. É interessante perceber aqui como a autora utiliza a fé para dignificar a personagem, ao mesmo tempo em que critica a instituição religiosa. Pode-se estabelecer uma analogia entre a trajetória de Susana e a de Jesus Cristo: dois inocentes que, ao mostrar verdadeira fé e resiliência, caminharam de forma voluntária para morte e se posicionaram contra homens de poder de suas épocas, colocando à prova falsas instituições religiosas.

Entretanto, diante do fato de Susana ser inocente, por que a autora não permitiu que ela fugisse? Ao escolher não salvar Susana, a mensagem principal da obra é consolidada em uma certeza: não há salvação na escravidão. O principal a ser percebido na leitura dos diálogos é o encerramento do ciclo de Susana como a única que de fato alcança sua liberdade ao conhecer seu cativo. A escolha de Susana de permanecer em sua jornada, mesmo ameaçada por Fernando, traz novamente a discussão de uma morte voluntária como forma de resistência e libertação. Susana não permite que Fernando a faça fugir ou a mate, ela se entrega e retira do senhor de escravos o poder de decidir sobre si. No início da construção do desfecho de Susana, o narrador afirma que a africana é justa e por isso não foge. Ao perceber como a estrutura da cena é construída e embasada na utilização das palavras da autora, é possível comparar a narrativa com os versículos de 4 a 10 do Salmo 112:

4 A luz raia nas trevas para o íntegro, para quem é misericordioso, compassivo e justo.

5 Feliz é o homem que empresta com generosidade e que com honestidade conduz os seus negócios.

6 O justo jamais será abalado; para sempre se lembrarão dele.

7 Não temerá más notícias; seu coração está firme, confiante no Senhor.

8 O seu coração está seguro e nada temerá. No final, verá a derrota dos seus adversários.

9 Reparte generosamente com os pobres; a sua justiça dura para sempre; seu poder será exaltado em honra.

10 O ímpio o vê e fica irado, range os dentes e definha. O desejo dos ímpios se frustrará. (BÍBLIA, Sl 112:4-10, p. 749).

Assim, o ímpio é representado por Fernando, que fica irado, range os dentes e definha. De fato, após realizar toda a sua vingança, Fernando definha em loucura e remorso por todos os seus crimes e desvios morais, terminando enlouquecido dentro de um convento, mesmo sem se arrepender de suas maldades até a hora da morte. Fernando fica preso à cadeia da escravidão até sua morte, enquanto que aquele que fica seguro no Senhor, além de derrotar seus adversários é para sempre lembrado, como foi o caso de Susana.

A elevação da personagem de Susana como uma mártir negra que se entrega à morte com o objetivo de frustrar os planos do senhor de escravos é um caminho para a liberdade que lhe havia retirado os bárbaros. Úrsula, Tancredo e Túlio vão sucumbir perante as vontades do comendador e terão suas possibilidades de liberdade retirada de si. Tancredo é assassinado na frente de Úrsula, Túlio é morto enquanto defendia Tancredo e Úrsula enlouquece após ser obrigada a casar-se com Fernando. Susana compreendia que não havia como ganhar fisicamente de Fernando e que não haveria salvação para ela enquanto escrava em terra

estrangeira. A consciência da personagem e as limitações físicas dela motivaram-na a buscar a libertação de forma espiritual. A própria africana já havia dito que apenas a morte poderia apagar as dores da escravidão, e quando Maria Firmina dos Reis permite que Susana seja a única a escolher seu destino, a autora dá à personagem a chance de se libertar das prisões da escravidão como seus companheiros de navio tumbeiro o fizeram. O protagonismo de Susana não é amarrado a sua sobrevivência ou vida, mas sim a sua centralidade para a compreensão da obra e de suas mensagens.

Todos os personagens se encerram em seus cativeiros sem alcançar seus objetivos e liberdades. Em contrapartida, Susana sabia o que poderia almejar e assim o alcança. Ela queria liberdade e compreender o porquê de sua sobrevivência na travessia. Em sua morte, alcança a alcunha de mártir e finalmente pode descansar, pois suas dores durante a escravidão foram apagadas.

A autora não busca romantizar a morte de Susana, pois a maranhense destaca a morte como resultado da cadeia da escravidão. Todos os envolvidos na cadeia da escravidão perdem a liberdade e encontram a morte. Todavia, por meio da personagem Susana, a autora permite que uma africana protagonize uma história que a eleva por causa de ancestralidade, valor e vivências.

Infere-se, assim, que a obra *Úrsula*, ao contar a história de uma mulher branca e sua aventura amorosa, abre caminho para uma protagonista africana que denuncia os horrores da escravidão e a corrupção daqueles envolvidos nesse sistema. A africana encontra liberdade na morte e reencontra o seu valor ao enfrentar a arbitrariedade da escravidão. Susana não existe na obra para ocupar um espaço secundário ou para contextualizar a vida da personagem de *Úrsula*. Susana carrega em si o protagonismo retirado de africanas e mulheres escravas que guardam dentro de si as histórias que não eram contadas em livros de história ou literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de Maria Firmina dos Reis e seu livro *Úrsula* permitiu compreender como o estabelecimento da autora ocorreu e quais as estratégias utilizadas por ela para que sua obra fosse percebida e aceita dentro do contexto histórico no qual estava inserida. Por se tratar de uma mulher negra com parentescos fortes dentro da escravidão, nota-se uma proximidade importante com o tema da escravidão e com os preconceitos raciais da época. Para o aprofundamento nos estudos literários dessa escritora foi preciso considerar sob qual perspectiva, isto é, como as subjetividades da obra refletiam as possibilidades da realidade social na qual a autora estava inserida. Ela escrevia, de forma detalhada e verossímil, as vivências de personagens escravizados, principalmente das mulheres de sua época.

Todavia, é necessário salientar o cuidado para não superestimar ou subestimar a autora, pois ela é fruto de seu tempo e se embasou nas relações sociais da época para dar vida aos seus personagens. Maria Firmina dos Reis fez parte de uma gama de escritoras e ícones negros que foram redescobertos após anos de silenciamento. Somente depois disso puderam ser reconhecidos e receber os devidos méritos no âmbito literário. Ressalte-se que a presença negra e feminina na construção nacional é fundamental, apesar de ainda ser pouco abordada.

A análise da obra *Úrsula* mostrou que há uma construção da centralidade de Susana por meio dos pilares narrativos *firminianos* que tendem a priorizar as vivências maternas, religiosas, femininas e africanas. A autora se utilizou do espaço do romantismo e da prosa tradicional para trazer à luz os horrores da escravidão. Mas, além do interesse em abordar a escravidão, ela mostrou interesse em falar do escravizado. De forma inovadora, deu voz a afro-brasileiros como Túlio e espaço para a ancestralidade de Susana e Antero. Entretanto, foi por meio da personagem Susana que a escritora encontrou espaço para disseminar uma crítica concreta à escravidão. Susana assumiu dentro da obra o local da ancestralidade e da sabedoria, frutos de uma vida que existia desde antes da sua escravidão. De tal maneira, Susana não apenas falava da escravidão, de sua senhora ou da história da personagem Úrsula, mas também de si mesma. Com um texto bem detalhado e regado de nostalgia, Susana construiu a imagem de uma África não antes visitada pelas letras brasileiras, assim como utilizava a trajetória do navio negreiro para apresentar uma inversão de papéis históricos, pois, para ela, bárbaro era quem escravizava.

E, neste trabalho, o que se pede ao leitor é que escute atentamente as falas daquela que não é Úrsula e permita com que a construção de uma mulher africana por uma mulher negra

no século XIX possa abrir espaço para discussões significativas sobre a presença feminina e negra na história literária brasileira.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Domingos Alves Branco Muniz. **Memória sobre a abolição do comércio da escravidão**. Rio de Janeiro: Typographia Imparcial F. P. Brito, 1837. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4596/1/001193_COMPLETO.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. 45. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

BRASIL. Constituição Política do Imperio do Brazil, de 25 março de 1824. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CAMPELLO, André Emmanuel Batista Barreto. **A escravidão no império do Brasil**. Imprensa: São Luiz [s.n.], 2010.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda (Orgs.). Apresentação. In: _____. **A história contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHALHOUB, Sidney. Posfácio. In: BADARÓ, Francisco Coelho Duarte. **Fantina**: cenas da escravidão. São Paulo: Chão da Terra, 2019.

CHALHOUB, Sidney. A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CANARIO, Ezequiel David do Amaral. **É mais uma scena de escravidão**: suicídios de escravos na cidade do Recife, 1850-1888. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

DUARTE, Constância Lima et al. **Maria Firmina dos Reis**: faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira. Posfácio. In: REIS, Maria Firmina dos Reis. **Úrsula**. Florianópolis: Mulheres; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2004.

_____. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 31, Brasília, jan.-jun. 2008, p. 11-23.

_____. “Úrsula” e a desconstrução da razão negra ocidental. In: DUARTE, Constância Lima et al. (Orgs.). **Maria Firmina dos Reis**: faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018, v. 1, p. 51-79.

GOMES, Heloisa Toller. **O negro e o romantismo brasileiro**. São Paulo: Atual, 1988.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MENDES, Algemira de Macedo. **A escrita de Maria Firmina dos Reis na literatura afrodescendente brasileira**: revistando o cânone. Lisboa: Chiado, 2016.

MORAIS FILHO, José Nascimento (Org.). **Maria Firmina**: fragmentos de uma vida. São Luiz: Comissão Organizadora das Comemorações do Sesquicentenário de Nascimento de Maria Firmina dos Reis, 1975.

OTTONI, Christiano Benedicto. **A emancipação dos escravos**: parecer. Rio de Janeiro: Typ. Perseverança, 1871.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2018.

ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis**: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. São Paulo: Aetia Editorial, 2019.